

Coletânea de Manuais Técnicos de Bombeiros **35**



GERENCIAMENTO DE CRISES ENVOLVENDO SUICIDAS E ATENTADOS TERRORISTAS



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO POR VOCÊ

COLETÂNEA DE MANUAIS
TÉCNICOS DE BOMBEIROS

MANUAL DE GERENCIAMENTO
DE CRISES ENVOLVENDO
SUICIDAS E ATENTADOS
TERRORISTAS

MGCESAT

1ª Edição
2006

Volume
35

Os direitos autorais da presente obra pertencem ao Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Permitida a reprodução parcial ou total desde que citada a fonte.

PMESP
CCB

Comandante do Corpo de Bombeiros

Cel PM Antonio dos Santos Antonio

Subcomandante do Corpo de Bombeiros

Cel PM Manoel Antônio da Silva Araújo

Chefe do Departamento de Operações

Ten Cel PM Marcos Monteiro de Farias

Comissão coordenadora dos Manuais Técnicos de Bombeiros

Ten Cel Res PM Silvio Bento da Silva

Ten Cel PM Marcos Monteiro de Farias

Maj PM Omar Lima Leal

Cap PM José Luiz Ferreira Borges

1º Ten PM Marco Antonio Basso

Comissão de elaboração do Manual

Cap Fem PM Ana Rita do Amaral Souza Streinfinger

Cap PM Edivaldo de Medeiros Quirino

2º Ten PM Edson Luiz de Moraes

Sten PM Josemar Soares de Almeida

Sd PM Sérgio Ricardo da Silva Santos

Comissão de Revisão de Português

1º Ten PM Fauzi Salim Katibe

1º Sgt PM Nelson Nascimento Filho

2º Sgt PM Davi Cândido Borja e Silva

Cb PM Fábio Roberto Bueno

Cb PM Carlos Alberto Oliveira

Sd PM Vitanei Jesus dos Santos

O Presente Manual Técnico de Bombeiros (MTB-35), trata do Gerenciamento de Crises Envolvendo Suicídios e Atentados Terroristas. Seu objetivo é fornecer conhecimento acerca destas duas modalidades de crises, abordando sinteticamente o atendimento operacional por parte das guarnições do Corpo de Bombeiros.

Está organizado em 7 Capítulos, conforme segue:

- Capítulo 1 – Introdução
- Capítulo 2 – Crise
- Capítulo 3 – Suicídio
- Capítulo 4 – Atendimento a Crise de Tentativa de Suicídio
- Capítulo 5 – Atentado Terroristas
- Capítulo 6 – Atendimento a Crise de Atentado Terrorista
- Capítulo 7 – Referências Bibliográficas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	iii
1. INTRODUÇÃO.....	2
2. CRISE.....	4
2.1. Histórico de gerenciamento de crises na PMESP.....	4
2.2. Conceito de crise.....	5
2.3. Dimensões do problema.....	6
2.4. Graus de risco ou ameaça: elementos essenciais de informação e níveis de resposta....	7
3. SUICÍDIO.....	9
3.1. Conceito de suicídio.....	9
3.2. Causas de suicídio.....	9
3.2.1. Perspectiva biológica.....	10
3.2.2. Teorias psicológicas.....	10
3.2.3. Sentido sociológico.....	10
3.3. Transtornos mentais.....	12
3.4. Doenças físicas.....	14
3.5. Suicídio e fatores sócio-demográficos e ambientais.....	14
3.6. Fatores que potencializam a consumação do suicídio.....	14
3.7. Métodos suicidas e análise de risco.....	15
4. ATENDIMENTO A CRISE DE TENTATIVA DE SUICÍDIO.....	19
4.1. Como identificar uma pessoa sob risco de suicídio.....	19
4.2. Abordagem operacional.....	19
4.2.1. Orientações gerais.....	20
4.2.2. Conduta ao lidar com tentativa de suicídio.....	21
4.3. Como abordar a vítima.....	22
4.4. O que deve ser feito em uma abordagem psicológica.....	22
4.4.1. Tentar formar vínculo com a vítima.....	22
4.4.2. Manter canal de comunicação aberto.....	23
4.4.3. Olhar para a vítima.....	23
4.4.4. Ouvir atentamente.....	23
4.4.5. Respeitar pausas silenciosas.....	23
4.4.6. Não completar frases para a vítima.....	24
4.4.7. Repetir, resumir e relacionar idéias.....	24
4.4.8. Ajudar a encontrar soluções.....	24
4.4.9. Espaço para a vítima perguntar.....	25
4.5. O que evitar em uma abordagem psicológica.....	25
4.5.1. Mentir, prometer ou seduzir.....	25
4.5.2. Chamar por nomes jocosos.....	26
4.5.3. Ser agressivo ou ríspido.....	26
4.5.4. Ameaçar a vítima.....	26
4.5.5. Desafiar a vítima.....	26
4.5.6. Julgar, dar opinião pessoal e aconselhar.....	27
4.6. Fases da abordagem psicológica.....	27
4.6.1. Aproximação.....	27
4.6.2. Silêncio.....	27
4.6.3. Apresentação.....	27
4.6.4. Paráfrase resumida.....	27
4.6.5. Perguntas simples.....	28

4.6.6. Perguntas complexas.....	28
4.6.7. Ajudar a vítima a encontrar solução.....	28
4.6.8. Mostrar que é normal a pessoa perder o controle em situações difíceis..	28
4.7. Cenários mais comuns de tentativas de suicídio.....	29
4.7.1. Torres de transmissão de energia elétrica.....	29
4.7.1.1. Posição e distância do bombeiro em relação à vítima.....	30
4.7.1.2. Estacionamento de viaturas e isolamento do local.....	31
4.7.1.3. Riscos potencialmente presentes.....	32
4.7.1.4. Equipamentos que o bombeiro deve portar na abordagem psicológica	33
4.7.1.5. Órgãos a serem acionados.....	33
4.7.1.6. Informações relevantes.....	33
4.7.2. Local elevado (Prédios, pontes ou viadutos).....	34
4.7.2.1. Posição e distância do bombeiro em relação à vítima.....	34
4.7.2.2. Estacionamento de viaturas e isolamento do local.....	35
4.7.2.3. Riscos potencialmente presentes.....	36
4.7.2.4. Equipamentos que o bombeiro deve portar na abordagem psicológica	36
4.7.2.5. Órgãos a serem acionados.....	37
4.7.2.6. Informações relevantes.....	37
4.8. Outros cenários de tentativa de suicídio.....	38
5. ATENTADO TERRORISTA.....	40
5.1. O terrorismo e seu contexto histórico.....	40
5.2. Conceito de terrorismo.....	41
5.2.1. Elementos característicos do terrorismo.....	42
5.3. Os principais grupos terroristas da atualidade.....	42
5.4. “Novas” formas de terrorismo.....	43
5.4.1. Terrorismo cibernético.....	44
5.4.2. Terrorismo ecológico.....	44
5.4.3. Terrorismo catastrófico.....	45
5.5. Motivos do terrorismo.....	45
5.5.1. Motivação racional.....	45
5.5.2. Motivação psicológica.....	46
5.5.3. Motivação cultural.....	47
6. ATENDIMENTO A CRISE DE ATENTADO TERRORISTA.....	49
6.1. Procedimentos operacionais em ocorrências com artefato explosivo.....	50
6.1.1. Classificação de ocorrências com bombas.....	50
6.1.1.1. Ameaça de bomba.....	50
6.1.1.2. Localização de bomba.....	51
6.1.1.3. Explosão de bomba.....	51
6.2. Procedimentos operacionais em casos de ameaças de bombas.....	51
6.3. Procedimentos operacionais em casos de localização de bombas.....	53
6.4. Procedimentos operacionais em caso de explosões de bombas.....	54
6.5. Técnicas de busca e localização de bombas.....	55
6.5.1. Regras básicas de busca.....	55
6.5.2. Seqüência de varredura.....	56
6.5.3. Módulos de varreduras.....	57
6.5.4. Simbolismo de cores padronizadas.....	57
6.5.5. Identificação de objetos suspeitos.....	58
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

1

INTRODUÇÃO

MGCESAT

1. INTRODUÇÃO

A expressão “gerenciamento de crises” parece ser contraditória pois a crise emerge do nada e desafia nosso conceito do que é normal e bem administrado. O termo empregado é freqüentemente caracterizado por confusão, ou mesmo pânico e, ocasionalmente pode induzir os indivíduos racionais a recuar ou desistir, dependendo do grau de complexidade, gravidade e extensão dos desdobramentos oriundos dela, parecendo improvável e em alguns casos impossível gerar adequadamente os recursos disponíveis para solucionar ou minimizar aqueles resultados.

Nos últimos anos o termo crise sofreu um processo de banalização sendo empregado indistintamente em nosso dia a dia. Na Polícia Militar do Estado de São Paulo, o emprego do termo para atendimento operacional e estratégico deu-se em 1977 através da Nota de Instrução nº 3EM/PM – 003/32 que fazia a distinção clara entre o acionamento de vários tipos de policiamento e de serviços de bombeiros. Dessa época até hoje passamos por transformações no cenário político, social, cultural, financeiro e religioso acarretando mudanças também no “modus-operandi” da Corporação.

Com esse trabalho pretende-se apresentar a fundamentação básica para que o bombeiro possa gerenciar adequadamente as ocorrências envolvendo suicídios e atentados terroristas buscando primordialmente preservar sua segurança e o sucesso do atendimento. Devido a complexidade do tema, vê-se que para a manutenção da integridade física e psicológica do bombeiro, há necessidade de conhecer o manual ora apresentado e ser detentor de qualidades importantes tais como raciocínio estratégico e rápido, fluência verbal com capacidade de negociador, controle emocional e ótimo preparo psico-físico tendo em vista que algumas crises podem perdurar por horas, ser exímio observador de detalhes já que estes são indicativos determinantes em circunstâncias especiais.

A “crise” não deve ser vista como algo apenas negativo. Todo momento de crise traz embutida a oportunidade de crescer, a oportunidade de rever conceitos e métodos. No “gerenciamento de crises”, este lado “positivo” do fenômeno, muitas vezes, é o que perdurará da ação institucional do Corpo de Bombeiros. Em suma, há que se estar atento para as “oportunidades” e não deixar de buscar entrever que toda crise não é fenômeno tão somente negativo.

2

CRISE

MGCESAT

2. CRISE

2.1. Histórico de gerenciamento de crises na Polícia Militar do Estado de São Paulo

- **1977** – primeira notícia que se tem na Corporação a respeito de regular o emprego da Polícia Militar em ocorrências que, como diz a NOTA DE INSTRUÇÃO Nº 3EM/PM-003/32 de 25 de agosto de 1977, tinham proporções anormais, exigindo, portanto, o emprego de vários tipos de policiamento e de serviços de bombeiros, seja em recintos ou áreas públicas de jurisdição federal, estadual ou municipal. Cita também esta NI: “... fatos cuja ação principal é do policiamento (tumultos, concentrações reivindicatórias, passeatas, greves e outros)...”, além de: “...fatos cuja ação principal é do serviço de bombeiros (incêndios, desabamentos, inundações, desastres ferroviários e outros)...”;
- **1988** – a NOTA DE INSTRUÇÃO Nº PM3 – 002/1/88, referente à DIRETRIZ Nº PM – 001/1/87 (RPP), tem por finalidade criar a partir de 01 de março de 1988, a título experimental, uma Companhia PM integrada por Grupos de Ações Táticas Especiais, subordinada ao Comandante do 3º BPChq. Teve em sua organização básica e destinação de um Capitão QOPM e quatro Tenentes QOPM. Ficou responsável por missões específicas, ou seja, atendimento de ocorrências incomuns que exigiam mobilidade, instrução, adestramento e preparo logístico específicos, atuando em ocorrências com reféns, ocorrências onde existissem criminosos armados entrincheirados em locais de difícil acesso, participação nas ações por ocasião de motins e combate ao fogo em estabelecimentos penais para atuar na libertação de pessoas apesadas como reféns, apoio em força ao Corpo de Bombeiros em caso de incêndio com distúrbio ou quaisquer circunstâncias especiais que implicasse em sua atuação;
- **1989** – a ORDEM COMPLEMENTAR Nº PM3 – 001/1/89, referente à NI de 1988, altera a subordinação da Cia GATE, passando a ser subordinada operacionalmente ao Cmt do CPChq e administrativamente ao Cmt do 3º BPChq, dando a faculdade ao Cmt do CPChq de propor, dependendo da análise das necessidades e do desenvolvimento operacional do GATE, a

criação de pessoal fixo encarregado de observação, reconhecimento e negociação nos locais de ocorrências, onde se enquadrasse o trabalho de Policiais Militares masculinos e femininos à paisana e psicólogos;

- **1989** – a DIRETRIZ DE OPERAÇÕES N° PM3 – 004/2/89, procura baixar normas e disciplinar o emprego da Cia GATE em ações isoladas ou em conjunto com as demais OPM, destacando a atuação em ocorrências incomuns que exigissem mobilidade, instrução, adestramento e preparo logístico específicos para emprego em todo o Estado.
- **1990** – a RESOLUÇÃO SSP 22, de 11 de abril de 1990, vem para disciplinar as atividades do Grupo Especial de Resgate da Polícia Civil e do GATE, no atendimento de ocorrências com reféns determinando que o GATE providencie o isolamento da área de operações, e ao GER a direção das negociações, passando a Polícia Militar, através do GATE, a assumir a ocorrência, além da atribuição do isolamento, em caso da negociação ser infrutífera, atuando como polícia ostensiva e de preservação de ordem pública, passando a comandar a totalidade da operação, podendo decidir quanto à oportunidade, conveniência, forma e procedimentos operacionais;
- **1996** – a NOTA DE INSTRUÇÃO N° PM3 – 001/02/96 fixa normas para atuação da Corporação em ocorrências em que haja emprego conjugado de meios e/ou naquelas de grande vulto ou passíveis de repercussão, principalmente com reféns localizados. Busca, portanto, consolidar o tema “Gerenciamento de Crises” em bases doutrinárias.

2.2 Conceito de crise

Segundo publicação do Ministério da Justiça na Revista “A FORÇA POLICIAL” em sua 10ª edição, uma crise pode surgir de uma emergência grave e pode manifestar-se de diferentes formas: incêndios, inundações, terremotos, acidentes comerciais ou industriais (desastres de aviação, desabamento de minas e derrames de petróleo), epidemias, violência trabalhista, extorsão criminosa, levantes políticos, insurreições, motins em presídios, ocupação ilegal de terra, etc, bem como terrorismo. Há vários conceitos de crise. O primeiro, é um conceito geral que considera como crise “... uma situação que”:

- Ameace metas de alta prioridade do nível decisório...

- Restrinja a quantidade de tempo de resposta disponível antes da tomada de uma decisão e...
- Sua ocorrência surpreenda os membros do nível decisório.

“Um incidente ou situação que envolva a um país, seus territórios, cidadãos, forças de segurança e possessões ou interesses vitais, que se desenvolva rapidamente e gere condições de importância diplomática, econômica, política ou de segurança nacional de tal grau que exija a consideração do compromisso de forças militares, forças de segurança interna e recursos nacionais para realizar objetivos nacionais”.

A Academia Nacional do FBI (*Federal Bureau of Investigation*) define crise como: “*Um evento ou situação crucial, que exige uma resposta especial da Polícia, a fim de assegurar uma solução aceitável*”.

Segundo o Gabinete de Segurança Institucional da República Federativa do Brasil o conceito de “gerenciamento de crises” vem da etimologia da palavra que nos proporciona uma curiosa pista sobre o seu significado atual. O termo “crise”, que possui variações mínimas em muitos idiomas, origina-se do grego “krimein”, que quer dizer “decidir” ou, mais apropriadamente “a capacidade de bem julgar”. A primeira e muito apropriada, aplicação do termo ocorreu na medicina. Cumpre guardar essa noção, válida tanto para Hipócrates, Pai da medicina, na Grécia Antiga, quanto para nós nos dias de hoje. Na essência do termo “crise” há uma qualidade, mais arte do que ciência, definida como “a capacidade de bem julgar”.

2.3 Dimensão do problema

Quando se configura uma crise, seja ela de qualquer origem e em especial as envolvendo suicidas e atentados terroristas, temos por missão gerenciá-la para que seja solucionada a bom termo. A articulação das ações necessárias tem origem no COBOM, na triagem da ocorrência, levantando informações importantes para a definição da abordagem operacional a ser adotada.

O Comandante da operação deverá inteirar-se do maior número de informações e analisar os efeitos e seus desdobramentos, a fim de minimizar possíveis potenciais de risco, adotando primeiramente medidas de segurança no local para a equipe de serviço e para terceiros.

Da análise criteriosa da situação pode-se definir a dimensão do problema, que poderá ser resolvida por uma única guarnição do CB ou até mesmo envolver uma série de organismos do Governo Federal, Estadual e Municipal, bem como entidades civis. O acionamento rápido e o gerenciamento desses órgãos exigem uma coordenação centralizada.

2.4 Graus de risco ou ameaça: elementos essenciais de informação e níveis de resposta

A otimização de recurso humano e material está intimamente vinculada com o grau de risco do evento crítico.

Não super dimensione, nem sub dimensione o grau de risco do evento, procure identificá-lo perfeita e precisamente.

Tabela 1: Graus de risco (FBI).

CLASSIFICAÇÃO	TIPO	EXEMPLOS
1º GRAU	ALTO RISCO	Assaltos a banco por um ou dois elementos armados de revólver sem reféns.
2º GRAU	ALTÍSSIMO RISCO	Assalto a banco por dois elementos armados de metralhadora, mantendo três ou quatro reféns.
3º GRAU	AMEAÇA EXTRAORDINÁRIA	Terroristas armados com metralhadoras ou outras armas automáticas, mantendo reféns a bordo de uma aeronave.
4º GRAU	AMEAÇA EXÓGENA	Um indivíduo de posse de um recipiente, afirmando que o conteúdo é radioativo e de alto poder destrutivo ou letal, por qualquer motivo, ameaça uma população.

3

SUICÍDIO

MGCESAT

3. SUICÍDIO

3.1. Conceito

Existem inúmeras conceituações para suicídio, denotando as múltiplas pesquisas, dos mais variados autores, sobre o tema.

O termo suicídio provavelmente foi utilizado pela primeira vez, em língua francesa, pelo abade DESFONTAINES em 1734 ou 1737, para significar "o assassinato ou morte de si mesmo", com o seguinte significado etimológico:

- Sui = si mesmo;
- Caedes = ação de matar.

Em peças jurídicas, é comum observar-se o uso do termo "autocídio" como sinônimo de suicídio, já tendo estes termos passados a constar do léxico.

Durkheim, conceitua suicídio como sendo todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que devia produzir esse resultado. A tentativa é o ato assim definido, mas interrompido antes de resultar em morte.

Por sua vez Shneidman utiliza o seguinte conceito: "o ato humano de cessação auto-infligida, intencional" e que pode ser mais bem compreendido 'como um fenômeno multidimensional, num indivíduo carente, que define uma questão, para a qual o suicídio é percebido como a melhor solução."

O suicídio resulta de um ato deliberado, iniciado e levado a cabo por uma pessoa com pleno conhecimento ou expectativa de um resultado fatal. O suicídio constitui hoje um grande problema de saúde pública. Tomada como média para 53 países, dos quais há dados completos disponíveis, a taxa agregada e padronizada de suicídio em 1996 foi de 15,1 por 100.000 habitantes. A taxa de suicídio é quase universalmente mais alta entre homens em comparação com mulheres, por um coeficiente agregado de 3,5 homens para cada mulher.

3.2. Causas

Segundo GREGÓRIO, as causas do suicídio são numerosas e complexas. Elas são geralmente analisadas sob três aspectos:

3.2.1. Perspectiva biológica

Pesquisas indicam que o comportamento suicida acontece em famílias, sugerindo que fatores biológicos e genéticos desempenham papel de risco. Algumas pessoas nascem com certas desordens psiquiátricas tal como a esquizofrenia e o alcoolismo, o que aumenta o risco de suicídio.

3.2.2. Teorias psicológicas

Em princípio, o suicídio é comparado por muitos psicólogos com os casos de neurose.

Os determinantes do suicídio patológico estão nas perturbações mentais, depressões graves, melancolias, desequilíbrios emocionais, obsessões e delírios crônicos.

O psiquiatra americano Karl Menninger elaborou sua teoria baseando-se nas idéias de Freud. Ele sugeriu que todos os suicidas têm três dimensões inconscientes e interrelacionadas: *vingança/ódio* (desejo de matar); *depressão/desespero* (desejo de morrer); *culpa/pecado* (desejo de ser morto).

3.2.3. Sentido sociológico

Socialmente o suicídio é um ato que se produz no marco de situações anômicas (desorganizadas) em que os indivíduos se vêem forçados a tirar a própria vida para evitar conflitos ou tensões inter-humanas, para eles insuportáveis. Para Émile Durkheim, a causa do suicídio só pode ser sociológica. Em seu estudo caracterizou três tipos de suicidas:

- **suicida egoísta.** A pessoa se mata para não sofrer mais;
- **suicida altruísta.** A pessoa se mata para não dar trabalho aos outros (geralmente pessoas de idade);
- **suicida anômico.** A pessoa se mata por causa dos desequilíbrios de ordem econômica e social. Exemplo: a Revolução Industrial, tirando empregos de algumas pessoas, estimulou-lhes o suicídio. (Enciclopédia Encarta)

De acordo com os estudos de Gregório (1996), o suicídio é um mal individual-social que tanto choca e traumatiza, e que aumenta sobremodo nas situações de crise. Devido a isso, aumentou muito o número de suicídios ao mesmo tempo em que surgem ou se intensificam crises econômicas. Só em Brasília, em 1996, chegou

ao assustador número de 30 os casos ocorridos, só no começo do ano, incluindo os cometidos em circunstâncias espetaculares, com a visível intenção de chocar, como um último, desesperado e nem sempre tão eficiente brado contra as dificuldades ou dores que os seus protagonistas experimentam.

Nestas circunstâncias, as causas do suicídio são:

- Ruínas financeiras;
- Vergonha e desonra;
- Desilusões amorosas;
- Doenças surgidas, do corpo e da mente;
- Depressão, solidão;
- Medo do futuro, de fatos sabidos ou imaginados.

Mas, analisando em maior profundidade essas principais razões do tresloucado gesto, veremos também, sem dificuldade, que não são fatos e ocorrências, em si, que devem ser responsabilizados pela consumação do suicídio, sim a repercussão deles na pessoa. O que leva ao desespero não é o fato desditoso, mas a maneira como a pessoa o elabora. Prova disso é que inúmeras pessoas estão, por toda parte, suportando fardos bem mais pesados que os que levam tantos ao suicídio e nem se crêem tão infelizes assim. Na verdade, correspondendo aos itens acima, que desencadeiam os atos extremos, dentre os quais o crime e o suicídio. Poderíamos listar outros que se referem não aos acontecimentos externos, mas às reações subjetivas perante eles:

- Orgulho pessoal, que se recusa a admitir o fracasso e a repentina ou gradual mudança do padrão de vida;
- Amor próprio exacerbado, que faz acreditar que sua imagem não possa sofrer nenhum arranhão ou ferimento, que o tempo e o esforço não possam recompor;
- Excessivo apego à matéria e esquecimento dos "exercícios da alma", expondo-se à sensação de derrocada, do "tudo acabado", quando um mal físico ou perda emocional cega a pessoa para os caminhos da reabilitação, ainda quando trabalhosos e longos.

Em suma, a verdadeira causa do suicídio não está nas ocorrências infelizes, mas na maneira como a pessoa capitula diante delas, por uma simples questão de livre arbítrio mal dirigido.

3.3. Transtornos mentais

Segundo Amaral, [...] transtornos mentais são alterações do funcionamento da mente que prejudicam o desempenho da pessoa na vida familiar, na vida social, na vida pessoal, no trabalho, nos estudos, na compreensão de si e dos outros, na possibilidade de autocrítica, na tolerância aos problemas e na possibilidade de ter prazer na vida em geral. Donde se pode concluir que não deixam nenhum aspecto da condição humana sem causar dano.

O termo transtorno mental significa a existência de uma sintomatologia psíquica ou de alterações no comportamento que, em geral, estão associados a sofrimento psicológico e prejuízos no desempenho social e ocupacional da pessoa.

Os transtornos mentais podem ser classificados de acordo com uma causa preponderante, idade de aparecimento ou por características sintomatológicas comuns. Assim, pode-se citar:

- Transtornos mentais orgânicos (a demência arterioesclerótica dos idosos e a Doença de Alzheimer).
- Transtornos mentais e de comportamento devidos ao uso de álcool e outras drogas (como a cocaína).
- Esquizofrenia.
- Transtornos do humor (como a depressão e o transtorno bipolar).
- Transtornos ansiosos (como as fobias, o pânico, o transtorno obsessivo-compulsivo, a hipocondria e as somatizações).
- Transtornos alimentares (como a anorexia e a bulimia).
- Transtornos do sono (como a insônia e o sonambulismo).
- Transtornos sexuais.
- Transtornos da personalidade.
- Deficiência mental.
- outros transtornos próprios da infância (como o autismo e o déficit de atenção).

Os transtornos mentais são bastante comuns e podem ocorrer em pessoas de qualquer sexo, idade e classe social. Ainda que os transtornos mentais possam ocasionalmente levar uma pessoa ao suicídio, sua importância em termos de saúde pública não está relacionada somente com uma alta mortalidade mas sim com incapacidade para o trabalho, retraimento social e maior predisposição a

desenvolver doenças físicas.

Depressão é o diagnóstico mais comum em suicídios consumados. Todos sentem-se deprimidos, tristes, solitários e instáveis de tempos em tempos, mas marcadamente esses sentimentos assim. Contudo, quando os sentimentos são persistentes e interferem na vida normal, usual da pessoa, eles tornam-se sentimentos depressivos e levam a um de transtorno depressivo.

Alguns dos sintomas comuns de depressão são:

- Sentir-se triste durante a maior parte do dia, diariamente;
- Perder o interesse em atividades rotineiras;
- Perder peso (quando não em dieta) ou ganhar peso;
- Dormir demais ou de menos ou acordar muito cedo;
- Sentir-se cansado e fraco o tempo todo;
- Sentir-se inútil, culpado e sem esperança;
- Sentir-se irritado e cansado o tempo todo;
- Sentir dificuldade em concentrar-se, tomar decisões ou lembrar-se das coisas;
- Ter pensamentos freqüentes de morte e suicídio.

Apesar de uma grande variedade de tratamentos estarem disponíveis para a depressão, existem muitas razões para que esta doença seja freqüentemente não diagnosticada:

- As pessoas freqüentemente ficam constrangidas em admitir que estão deprimidas, porque vêem os sintomas como um “sinal de fraqueza”.
- As pessoas estão familiarizadas com os sentimentos associados à depressão e, então, não são capazes de reconhecê-los como doença.
- A depressão é mais difícil de diagnosticar quando as pessoas têm outra doença física.
- Pacientes com depressão podem apresentar-se com uma ampla variedade de dores e queixas vagas.

Abuso de substâncias químicas tem sido encontrado cada vez mais em adolescentes que começam a ter comportamentos suicidas. Pessoas dependentes do álcool que cometem suicídio não só começam a beber em idade precoce e bebem intensamente, como também vêm de famílias de alcoólatras.

A presença conjunta de alcoolismo e depressão em um indivíduo aumenta enormemente o risco de suicídio.

3.4. Doenças físicas

As doenças físicas se constituem em uma importante motivação para a prática do suicídio. É um fator significativo em cerca de 25% dos suicídios, aumentando em conjunto com o fator idade: cerca de 50% dos suicídios em pacientes com mais de 50 anos e 70% dos suicídios em maiores de 70 anos estão relacionados com o sofrimento por doenças físicas (Hendin, 1999).

As condições clínicas associadas a altas taxas de suicídio incluem o câncer, a AIDS, a úlcera péptica, o traumatismo craniano, a insuficiência renal e a lesão da medula espinhal.

3.5. Suicídio e fatores sócio-demográficos e ambientais

- SEXO: Homens cometem mais suicídio que mulheres, mas mais mulheres tentam suicídio.
- IDADE A taxa de suicídio tem dois picos: em jovens (15 – 35 anos) e em idosos (acima de 75 anos).
- ESTADO CIVIL: A maioria dos que cometem suicídio passaram por acontecimentos estressantes nos três meses anteriores ao suicídio, como: Problemas interpessoais como discussões com esposas, família, amigos, namorados e rejeição (separação da família e amigos).
- FACILIDADE DE ACESSO: O imediato acesso a um método para cometer suicídio é um importante fator determinante para um indivíduo cometer ou não suicídio. Reduzir o acesso a métodos de cometer suicídio é uma estratégia efetiva de prevenção.
- EXPOSIÇÃO AO SUICÍDIO: Uma pequena parcela dos suicídios consiste em adolescentes vulneráveis que são expostos ao suicídio na vida real, ou através dos meios de comunicação, e podem ser influenciados a se envolver em comportamento suicida.

3.6. Fatores que potencializam a consumação de suicídio

É considerada tentativa de suicídio qualquer ato não fatal de automutilação ou de auto-envenenamento. A intenção da morte não deve ser incluída nesta definição, pois nem sempre é manifestada. Por razões não completamente esclarecidas, as mulheres cometem três vezes mais tentativas de suicídio que os homens, no entanto, os homens são mais eficazes. Isto porque o sexo feminino recorre aos métodos mais brandos como o envenenamento enquanto os homens usam armas de fogo, tendem ao afogamento, enforcamento ou saltando de grandes altitudes. A gravidade da tentativa deve relacionar-se com a "potencialidade autodestrutiva" do método utilizado.

Toda abordagem psicológica deve ser conduzida com o máximo de cuidado e atenção, assim como toda vítima deve ser considerada um suicida em potencial, porém, a Tabela 1 nos indica alguns fatores que, isoladamente ou relacionados entre si, potencializam a consumação do suicídio durante uma negociação.

Tabela 2: Fatores que potencializam a consumação do suicídio

ITEM	MAIOR PROBABILIDADE	X	MENOR PROBABILIDADE
SEXO	MASCULINO	X	FEMININO
IDADE	MAIOR DE 50 ANOS	X	MENOR DE 50 ANOS
MÉTODO	CRUEL, DOLOROSO	X	RÁPIDO
SAÚDE	DOENÇA GRAVE	X	SAUDÁVEL
SAÚDE MENTAL	PROBLEMAS MENTAIS	X	SAUDÁVEL
OUTRAS TENTATIVAS	TENTATIVAS ANTERIORES	X	PRIMEIRA VEZ
SOBRIEIDADE	SOB EFEITO DE DROGAS E ALCOOL	X	SÓBRIA
CASOS NA FAMÍLIA	SIM	X	NÃO

3.7. Métodos suicidas e análise de risco

É muito importante a rápida identificação do método escolhido pela vítima para a consumação do suicídio, quer seja solicitando maiores informações ao COBOM durante o caminho para a ocorrência, quer seja através de rápida análise e levantamento de informações no próprio local da ocorrência.

Através destas informações o comandante da emergência poderá traçar seu plano de ação, adotar medidas de segurança no local para a equipe de serviço e para terceiros e minimizar os riscos.

Alguns métodos de suicídio mais frequentes:

- Ferimento com arma de fogo.
- Ferimento com arma branca.

- Precipitação.
- Envenenamento.
- Atropelamento.
- Explosão.
- Asfixia.
- Queimadura.
- Enforcamento.
- Choque elétrico.

Cada ambiente de emergência de tentativa de suicídio, assim como o método suicida escolhido ou disponível para a vítima, deve ser tratado cuidadosamente pela equipe de emergência, visando garantir segurança à equipe, à vítima e a outras pessoas envolvidas. Assim, uma vítima que encharca o corpo de combustível e ameaça atear fogo nas vestes requer proteção total contra incêndio por parte dos bombeiros no local, requer também a montagem de um esquema tático de combate a incêndio, isolamento e desocupação do local e uma linha de proteção para o negociador. Já uma vítima que ameaça se jogar de um viaduto requer uma ancoragem para o negociador e para cada bombeiro envolvido, requer o isolamento do local, controle do trânsito, afastamento de curiosos e o posicionamento das guarnições de suporte básico e avançado estrategicamente próximas ao local onde a vítima possa cair.

Outras providências, evidentemente para riscos específicos, que devem ser adotadas para segurança após a análise da situação:

- Isolar o local.
- Afastar curiosos, familiares e imprensa.
- Posicionamento das equipes no local.
- Utilizar equipamento de proteção individual adequado à situação.
- Afastar objetos que possam ser utilizados pela vítima como armas.
- Posicionar um barco no rio próximo ao local onde a vítima possa se jogar.
- Solicitar policiamento para controlar o trânsito local.
- Preparar esquema tático para intervenção rápida que será utilizada em último caso quando a ocorrência não pode mais ser resolvida através da negociação.
- Levantar o maior número de informações possíveis sobre a vítima.

- Desligar a energia elétrica.
- Cortar o fornecimento de gás.
- Ventilar o local.
- Contatar com a concessionária de energia elétrica para o corte da energia e aterramento da torre de alta tensão.

4

ATENDIMENTO A CRISE DE TENTATIVA DE SUICÍDIO

MGCESAT

4. ATENDIMENTO A CRISE DE TENTATIVA DE SUICÍDIO

4.1. Como identificar uma pessoa sob risco de suicídio

Nem sempre é fácil diagnosticar uma tentativa de suicídio. Para identificar esses casos é importante estar atento a alguns fatores de risco, tais como:

- Tentativas anteriores de suicídio.
- Ideação de suicídio verbalizada.
- História familiar de suicídio ou tentativa de suicídio.
- Conhecimento de casos recentes de suicídio.
- Morte recente de alguém próximo.
- Fim de relacionamento afetivo.
- Conflitos familiares.
- História de violência doméstica.
- História de violência sexual.
- Depressão e doença psiquiátrica.
- Mudança nas condições de saúde ou de estado físico.
- Alcoolismo e uso de drogas.
- Isolamento social.
- Problemas econômicos e de desemprego.

4.2. Abordagem operacional

De acordo com o método suicida adotado pela vítima, é relevante adotar todas as medidas cabíveis no sentido de garantir a segurança da cena, no que se refere aos profissionais de bombeiros, mesmo que encarregado da abordagem psicológica, conforme demonstra a Figura 1, instalações e equipamentos envolvidos, outras pessoas e também à vítima, conforme mostra a Figura 2, que tem por finalidade minimizar possibilidades de lesão grave, no caso de queda da vítima, quer intencional ou acidental.



Figura 1 – Segurança do bombeiro durante a abordagem psicológica

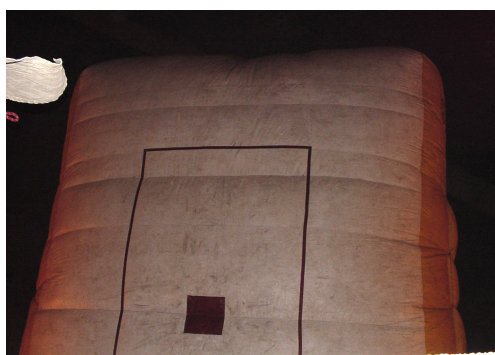


Figura 2 – Colchão armado no possível local de queda da vítima

Os exemplos de segurança das Figuras 1 e 2 aplicam-se a casos de tentativa de suicídio no qual a vítima ameaça saltar de local elevado, entretanto devem ser adotados os procedimentos conforme Procedimento Operacional Padrão específico, de acordo com o método de suicídio escolhido pela vítima, além de atentar para:

4.2.1. Orientações gerais

- Ao chegar próximo ao local da ocorrência desligue a sirene, quanto mais discreta for à aproximação, maior será a chance de se relacionar com a vítima de maneira positiva.
- Estabelecer relação com a vítima apresentando-se.
- Chamar a vítima pelo nome.
- Manter concentração na conversação com a vítima.

- Utilizar linguagem compreensível, falar pausadamente e não utilizar termos técnicos.
- Evitar conversas paralelas entre os membros da equipe de resgate na frente da vítima.
- Ter uma postura impecável, calma, gestos confiantes e não ameaçadores, ser profissional e transmitir segurança.
- Evitar gritar ou mesmo usar força física com a vítima.
- Deixar a vítima falar, deixando-a o mais confortável possível.
- Nunca deixar a vítima sozinha até o término de seu resgate.
- Antecipar reações para sua maior segurança.
- Questionar familiares e/ou testemunhas sobre histórico e/ou motivos geradores do comportamento atual.

4.2.2. Conduta ao lidar com tentativa de suicídio

- Chegar ao local da ocorrência de forma discreta, com sirenes desligadas e sem criar tumultos.
- Estudar inicialmente o local, verificando riscos potenciais para a equipe de resgate e para a vítima, neutralizando-os ou minimizando-os.
- Isolar o local, impedindo aproximação de curiosos.
- Verificar necessidade de apoio material e/ou pessoal e comunicar a Central de Operações.
- O contato com a vítima deverá ser efetuado por apenas um integrante da equipe, a fim de estabelecer uma relação de confiança. Os outros permanecem à distância sem interferir no diálogo.
- Manter imediatamente diálogo com a vítima, mostrando-se calmo e seguro, procurando conquistar sua confiança.
- Manter observação constante da vítima e não deixá-la sozinha por nenhum instante até o término do atendimento.
- Conversar com a vítima de forma pausada, firme, clara, e num tom de voz adequado à situação.
- Jamais assumir qualquer atitude hostil para com a vítima.
- Procurar descobrir qual o principal motivo de sua atitude.
- Procurar obter informações sobre seus antecedentes.

- Após ter conquistado sua confiança, iniciar o trabalho no sentido de dissuadi-la, sempre oferecendo segurança e proteção.
- Após ter conseguido dominar a vítima, continuar tratando-a com respeito e consideração, conduzindo-a para o hospital.

4.3. Como abordar a vítima

A **observação** e a **comunicação** são duas ações das mais importantes para se ajudar ao paciente com comprometimento psíquico ou não. Deve-se observar as ações do paciente para que possa ter uma leitura de seu estado e poder através de ações terapêuticas, principalmente a inter-relação através da comunicação, trazer alívio e melhora de seu sofrimento.

A comunicação pode ser feita através da mensagem verbal, como a fala e a escrita, como pode ser extraverbal que é aquela realizada através da expressão corporal (postura corporal e mímica facial).

Nesse sentido, muitas vezes o que é expresso por meio da fala, se contrapõem com o que o corpo ou mímica do rosto expressa. Por exemplo, pode-se dizer adorar uma pessoa ao mesmo tempo em que seu rosto expressa ódio, raiva e o tom de voz se torna elevado, demonstrando ira também.

Faz-se necessário então que seja observada a linguagem extraverbal dos indivíduos que foram atendidos, porque dão informações valiosas para dar-lhes uma assistência, assim como, tentar controlar a própria comunicação extraverbal, passando informações à vítima que pode utilizá-las de uma maneira adequada.

4.4. O que deve ser feito em uma abordagem psicológica

4.4.1. Tentar formar vínculo com a vítima

O vínculo passa a existir de forma adequada e terapêutica quando o profissional passa a ter atitudes adequadas para com a vítima e esta por sua vez passa a ter **segurança** e **confiança** no profissional. Isto deve estar presente desde os primeiros momentos do contato.

O profissional deve dar atenção, saber ouvir, saber compreender e aceitar os atos da vítima, orientando-a sobre seu estado e o que deverá ser feito, deve se identificar de maneira formal (nome, trabalho, função, por que está ali), o mesmo deve ser feito com familiares e/ou acompanhantes; se tornar receptivo à vítima,

abordá-la de forma respeitosa e gentil; sentir-se mobilizado para o seu sofrimento e demonstrar que está ali para tentar ajudar.

Essas questões são de grande ajuda para a formação do vínculo, mas deve-se ter em mente que a vítima é quem escolhe a quem, quando e como se vincular a cada indivíduo; uma vez formado esse vínculo deve-se preservá-lo, pois é de intensa utilidade para se conseguir atitudes e abordagens terapêuticas.

O vínculo facilmente se quebra se a vítima perceber que **foi usada, que usaram de mentiras, que a ameaçam** ou **desafiam**, e, atitudes as mais variadas possíveis podem ser tomadas, se sentir que o profissional não é confiável.

4.4.2. Manter canal de comunicação aberto

Quando a vítima estiver desorientada, falando muito, a todo o momento mudando de assunto, deve-se colocar limites (fixar assunto, todo vez que sair, fazer o retorno, se fazer ouvir).

4.4.3. Olhar para a vítima

Devemos olhar a vítima durante o atendimento devido a uma questão de respeito, demonstrar atenção, perceber comunicação extraverbal, e, até como proteção para o profissional já que se estiver disperso e a vítima tentar uma agressão, a capacidade de reação com movimentos será diminuída e o fator surpresa será fator decisivo.

4.4.4. Ouvir atentamente

Também para demonstrar atenção, educação e respeito à vítima deve-se ouvir o que tem a dizer e se possível manter diálogo, pois momentos de desabafos podem trazer alívio de tensão e fazer com que o vínculo se estreite caso haja demonstração de interesse por quem ouve. No caso da vítima estar confusa e mudando várias vezes de assunto, não falar coisas compreensíveis, não se deve em momento algum demonstrar rejeição, rispidez, ameaça moral/física, desafiar e corrigir.

4.4.5. Respeitar pausas silenciosas

Há pessoas que ao relatar seus conflitos e problemas podem ter um aumento de seu sofrimento e por vezes necessitam de uma paralisação, uma pausa para poderem reequilibrar-se, ordenar o pensamento, aliviarem as pressões.

Quando ocorrerem essas pausas o profissional deve por alguns instantes mantê-las e em seguida estimular a vítima a voltar a falar, caso esta não queira não se deve insistir e sim respeitá-la, orientá-la que quando quiser voltar a falar poderá procurá-lo.

Por outro lado, não se deve deixar por muito tempo em silêncio.

4.4.6. Não completar frases para a vítima

Há vítimas que tem o pensamento de forma mais lenta e por isso tem dificuldades para se expressar, com isso não conseguem por vezes completar frases, falar fluentemente, terminar um assunto. O profissional deve estimulá-la a concluir a frase, o assunto com suas próprias palavras na tentativa de melhorar o curso desse pensamento (estímulo ao “normal”).

No caso de estar com fuga de idéias (mudar de assunto várias vezes) deve se tentar fixar um assunto e toda vez que ela sair do mesmo, tentar retornar.

No caso da vítima não conseguir falar de maneira compreensível, o profissional deve orientá-la quanto à dificuldade de manter a comunicação e se mostrar disponível quando necessário.

4.4.7. Repetir, resumir e relacionar idéias

Quando a vítima mantém um diálogo e fornece várias informações importantes, se faz necessário que ao final ou ao tempo que achar adequado o profissional repita as idéias após um pequeno resumo das mesmas e verifique a repercussão que isto promove.

O profissional ao desenvolver essas idéias deve observar a comunicação extraverbal assim como as colocações verbais que venham a ser feitas pela vítima.

4.4.8. Ajudar a encontrar soluções

Pode-se ajudar a vítima na tentativa de resolução de seus problemas, mas sempre tendo em vista que não devemos dar opinião pessoal, conselho, ver a situação como se estivesse vivenciando.

A vítima é quem deve decidir as coisas por si, deve-se ajudá-la fazendo uma orientação, relacionando idéias, mostrando pontos ou situações que a mesma não vê, resumindo seu relato.

Não se deve passar à vítima que se quer que ela faça e sim que a mesma chegue a uma definição e venha agir em função da mesma. Não devemos dar a solução pronta e sim estimular a vítima na busca da mesma.

4.4.9. Espaço para a vítima perguntar

Deve-se sempre deixar um espaço para que possa se sinta à vontade de se expressar, assim como no caso que o mesmo tenha necessidade de fazer perguntas, tirar dúvidas, repetir assuntos, pedir orientação.

O respeito ao seu sofrimento e as suas necessidades devem sempre estar em um primeiro plano para que se possa ser terapêuticos na assistência.

4.5. O que evitar em uma abordagem psicológica

4.5.1. Mentir, prometer ou seduzir.

Em nenhuma ocasião mentir para passar, pois ao descobrir a verdade sentir-se-á enganado e o vínculo que possa existir será perdido.

Deve-se prometer somente aquilo que atende a resolução para suas carências emocionais, se apega ou se distancia afetivamente. A vítima pede às vezes carinho, proteção, ajuda ou apenas atenção, às vezes pede coisas materiais (bolacha, revista, cigarro, etc). Usando de bom-senso, frente a um pedido da mesma, somente prometer algo, sempre que isto estiver dentro das possibilidades e de uma atuação adequada.

A vítima de caso psiquiátrico de posse das informações, frente à situação em que se encontra pode em várias ocasiões fazer tentativas de testes para perceber pontos fracos.

Um dos testes mais comuns é quando pede algo e ameaça com agressão se não for satisfeita sua vontade.

Nestes casos nunca devemos ameaçar, desafiar ou satisfazer a vontade da vítima, de maneira educada orientar sobre o que pode ser feito, assim como lhe mostrar a ajuda que pode ser proporcionada.

Deve-se deixar claro que o profissional do Corpo de Bombeiros não está ali para ser ameaçado ou agredido.

Devemos perceber a tentativa da vítima em tirar proveito de uma situação e não cair nessa “armadilha”, para não satisfazer sua vontade caso ela seja inadequada ou não terapêutica.

Não enganar a vítima dizendo, por exemplo, que ao chegar na unidade vamos lhe dar o que pede. Também é comum acontecer de o profissional frente a essa situação e ao se sentir inseguro e/ou com medo satisfaça a vontade da vítima, mas lembrar sempre que a vítima pode vir a pedir cada vez mais ao ser atendido na primeira e chegar a uma situação insustentável.

Por isso, na primeira tentativa de teste já limitar a ação da vítima.

4.5.2. Chamar por nomes jocosos

Chamar a vítima pelo seu nome e nunca colocar apelidos, ou, mesmo que de forma carinhosa e respeito nunca chamar de “irmão”, “tia”, “avó”, “mano”, etc. Não se deve fazer comentários negativos sobre a vítima entre a equipe, com os familiares ou acompanhantes.

4.5.3. Ser agressivo ou ríspido

Em nenhum momento ser agressivos verbal ou fisicamente com a vítima, nos casos de agressividade usar da ação física somente para se proteger, mas de forma alguma para agredir.

Adotar a técnica de contenção física quando necessário, procurando não agredir a vítima para contê-la.

Também se deve atuar de forma educada e firme, demonstrando atenção, sem ser grosseiros, mal-educados, ríspidos ou agressivos verbalmente.

4.5.4. Ameaçar a vítima

Para obtermos uma postura adequada da vítima, em situação nenhuma ameaçá-la com pressões morais, físicas ou de tratamento.

4.5.5. Desafiar a vítima

Há vítimas que ameaçam o profissional frente a uma situação, mas deve-se lidar não com a ameaça e sim com a necessidade da vítima.

Frente a um desafio mostrar a nossa função de ajuda, as complicações que o ato irá causar e a postura que terá que adotar em seguida.

4.5.6. Julgar, dar opinião pessoal e aconselhar.

Mesmo que a vítima ou familiar peça, não emitir opinião pessoal ou julgar a vítima, atos que tenha feito ou que queria fazer, direcionar de maneira enganosa o que é desejável que ela faça.

O mesmo não deve ocorrer quanto a dar conselhos, pois isso pode piorar em muito o estado da pessoa.

É comum a equipe que atende a uma tentativa de suicídio, em que considera a forma suave ou leve (a pessoa quis chamar a atenção), emitir julgamentos ou opiniões, dar conselhos do tipo: “já que quer morrer por que não dá um tiro na cabeça”, “se matar é pecado, Deus não quer” (sic).

4.6. Fases da abordagem psicológica

4.6.1. Aproximação

A aproximação deverá ser calma e silenciosa e com o consentimento da vítima.

4.6.2. Silêncio

Alguns segundos de silêncio são recomendados para a vítima acostumar-se com a presença do bombeiro.

4.6.3. Apresentação

O bombeiro deve se identificar de maneira formal dizendo seu nome, trabalho, função e por que está ali.

4.6.4. Paráfrase resumida

Este recurso pode ser utilizado tanto no início, como em qualquer momento da negociação onde, de forma resumida, o negociador diz à vítima o que percebe diante da situação (do que ouviu da vítima ou do que esta vendo).

O efeito desejado é que a vítima sinta que o negociador a entende e percebe sua aflição o que poderá aumentar o vínculo entre ambos.

Ex: “Eu estou vendo que o senhor está realmente muito nervoso” ou “Eu estou vendo que o senhor está realmente abalado com este fato”.

4.6.5. Perguntas simples

As perguntas simples têm como resposta o “SIM” e o “NÃO” e tem o objetivo de colher informações da própria vítima verificando assuntos que a comovem e a emocionam, ajudando o negociador a encontrar o motivo principal da sua aflição.

4.6.6. Perguntas complexas

A partir do que foi apurado com as perguntas simples e descoberto o motivo da aflição da vítima, o negociador deverá fixar limites e não divagar para outros assuntos.

4.6.7. Ajudar a vítima a encontrar a solução

Em momento algum o negociador deverá dizer à vítima o que fazer, deverá sim ajudar a vítima a encontrar a solução. ***Ex - Este fato já aconteceu outras vezes? Então vejo que o senhor soube lidar com esta situação!***

A vítima pode falar e fazer coisas não compatíveis com a realidade em que está inserido, enquanto há outras que se portam como milionários quando é sabido que são pobres, que falam serem artistas famosos, que dizem ver “monstros”, ouvirem a voz de Deus, etc. Estas vítimas têm um comportamento que as fazem ficar fora do contexto real.

Em hipótese nenhuma o profissional que atende deve estimular a vítima a se manter fora da realidade ou fazer brincadeiras com a situação, por exemplo: ao ver uma vítima bater com o chinelo na parede e referir estar matando aranhas não dizer que vamos ajudá-la ou que também está vendo.

Quando a vítima estiver fora do contexto real deve-se ajudá-la dando informações sobre o real, o que é verdadeiro, tranquilizar, mostrando segurança.

4.6.8. Mostrar que é normal a pessoa perder o controle em situações difíceis

Tentar de forma singela enquadrar o nervosismo e a aflição da vítima pelo assunto em questão como normal. Ex: É perfeitamente normal que uma pessoa se desespere com a perda de um familiar.

TODA GUARNIÇÃO DEVE ESTAR CONSCIENTE QUE MESMO REALIZANDO TODOS OS PROCEDIMENTOS RECOMENDADOS, A VÍTIMA PODERÁ CONSUMAR O SUICÍDIO, E SE ISSO ACONTECER, A GUARNIÇÃO NÃO TERÁ CULPA NENHUMA SOBRE O FATO.

4.7. Cenários mais comuns de tentativas de suicídio

4.7.1. Torres de transmissão de energia elétrica

Em muitas situações vítimas de tentativa de suicídio utilizam torres de transmissão de energia elétrica, nas quais sobem até onde podem ou consideram suficientes para obter êxito em seu intento.

Esta situação normalmente é atendida pelo Corpo de Bombeiros e os profissionais devem atentar para inúmeros quesitos de segurança para os bombeiros, para a vítima e para terceiros, além de atentar para a estratégia adequada de atendimento, visando sucesso na operação. Os cuidados necessários estão relacionados a:



Figura 3 - Exemplo de torre de transmissão de energia elétrica

4.7.1.1. Posição e distância do bombeiro em relação à vítima

Para efetuar o atendimento desta modalidade de crise deverá ser escolhido um bombeiro que preencha os requisitos necessários para a realização da abordagem psicológica e, este deverá, depois de desligada a energia do lado onde a vítima se encontra e realizado o aterramento da torre, subir imediatamente, procurando se posicionar conforme indicado na figura 4, com o objetivo de não permitir que a vítima se desloque para o outro lado da torre.

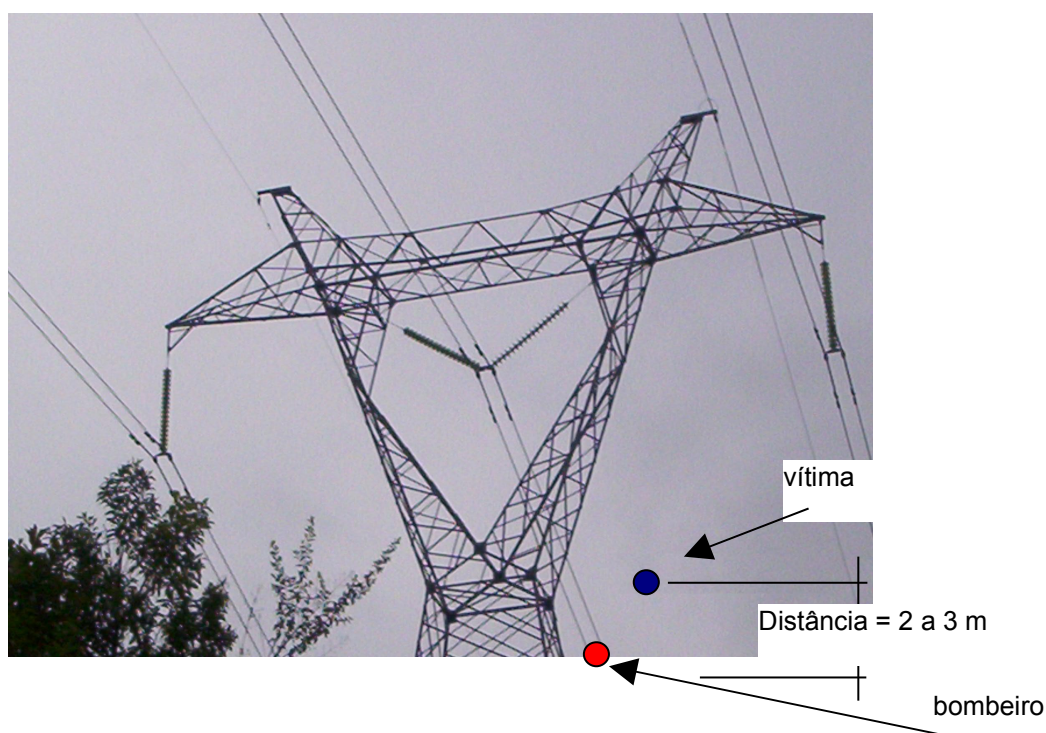


Figura 4 – Posicionamento para abordagem psicológica

Solicitar o imediato desligamento da energia elétrica da linha que passa no lado em que a vítima se encontra, momento em que o bombeiro já estará iniciando a abordagem psicológica.

A posição do bombeiro em relação a vítima deverá ser escolhida, na medida do possível, procurando se posicionar estrategicamente, conforme abaixo segue:

- A uma distância que possa ser visto claramente pela vítima, o que facilitará a conquista da confiança daquela, durante a abordagem;
- A uma distância que permita conversar com a vítima sem que haja necessidade de gritar ou fazer que a vítima grite;
- A uma distância que não permita à vítima se agarrar ao bombeiro, colocando-o em situação de risco;

É importante lembrar que o fato da vítima estar posicionada em determinado ponto da torre e não ter sofrido qualquer descarga elétrica, não significa que o bombeiro poderá seguramente chegar próximo com a linha energizada, pois, diversos fatores interferem na distância de segurança, tais como: umidade do ambiente, transpiração, equipamentos metálicos, massa corporal, etc.

A Tabela 3 apresenta a distância mínima necessária, de um ponto energizado, para que uma pessoa possa se movimentar, inclusive manipulando equipamentos ou ferramentas não isolantes, sem o risco de abertura de arco elétrico em relação ao seu corpo.

Tabela 3 – Distâncias mínimas de segurança.

CLASSE DE TENSÃO (KV)	DISTÂNCIA MÍNIMA (m)
13,8	1,10
20	1,15
34,5	1,20
69	1,35
88	1,45
138	1,60
230	2,20
345	3,00
440	3,30
500	3,80

Fonte: Apostila da Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista - CTEEP

4.7.1.2. Estacionamento de viaturas e isolamento do local

Quando da chegada ao local o comandante da operação deverá dispensar uma atenção especial à determinação do local para estacionamento e providências quanto ao isolamento do local, buscando uma condição tal que:

- As viaturas fiquem estacionadas em local que não chame a atenção da vítima, a fim de que esta presença não influencie negativamente no resultado desejado da operação.

- As pessoas, que geralmente estão assistindo o atendimento, fiquem fora do campo visual da vítima e não interfiram e, conseqüentemente, não dificultem a abordagem psicológica, desviando a atenção da vítima, que neste caso é conveniente que seu único contato seja com o profissional de bombeiros que executa a abordagem.
- Caso ocorra de populares instigarem a vítima a consumir o suicídio, o policiamento deverá tomar as providências para evitar tal situação.

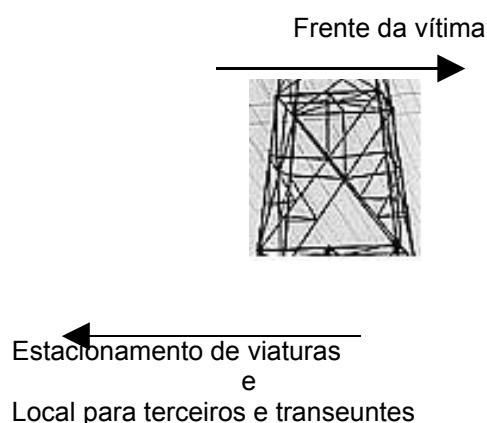


Figura 5 - Posicionamento de viatura e local para pessoas não envolvidas

4.7.1.3. Riscos potencialmente presentes

Existem alguns riscos potenciais que devem ser considerados todo o tempo, com o objetivo de garantir proteção para os bombeiros, à vítima, demais pessoas presente ou próximo e viaturas e equipamentos empregados. Tais riscos se constituem de:

- Choque elétrico – a vítima, por decisão de consumir o suicídio, poderá tocar ou lançar-se sobre os cabos elétricos, ou ser atingido pela corrente que poderá ter o circuito fechado através do ar atmosférico (arco voltaico).
- Queda pessoal (bombeiro ou vítima) – durante o atendimento poderá ocorrer queda do bombeiro ou da vítima, no caso do primeiro, deverá estar o tempo todo ancorado na estrutura e, no caso da vítima, a queda poderá ser acidental o proposital.
- Queda de equipamento de bombeiro – durante o manuseio dos equipamentos poderá ocorrer queda de materiais, pondo em risco as pessoas que estão no nível do solo, portanto, além das atitudes de segurança como posicionamento

e atenção, os bombeiros que permanecerem embaixo deverão utilizar equipamentos de proteção individual.

4.7.1.4. Equipamentos que o bombeiro deve portar na abordagem psicológica

Durante a abordagem psicológica, que será realizada por um dos bombeiros presentes na ocorrência, em especial àquele que preencher o requisitos necessários para a criação de vínculo, este deverá subir na torre para se aproximar da vítima e iniciar os contatos e, para tanto, deverá portar os seguintes materiais e equipamentos de proteção individual:

- Capacete de salvamento em altura ou “galest”;
- Luvas;
- HT;
- Cadeira de salvamento para si próprio;
- Cadeira de salvamento para a vítima;
- Fitas tubulares (para a confecção e instalação rápida de uma cadeira);
- Triângulo de salvamento;
- Folha de papel e caneta (para o caso da vítima preferir comunicação escrita; e
- Cordas, Peça oito e mosquetões;

Os equipamentos de salvamento em altura (cordas, cadeiras e outros materiais) destinar-se-ão a manter o bombeiro ancorado durante toda a abordagem psicológica e auxiliar na descida segura da vítima, assim que esta abandonar a idéia de se suicidar.

4.7.1.5. Órgãos a serem acionados

Neste caso específico, a Companhia responsável pelo gerenciamento de distribuição ou transmissão de energia elétrica deverá ser acionada, esclarecendo-se os motivos para que compareça ao local uma ou mais equipes contendo pessoal habilitado a efetuar manobras de desligamento total ou parcial da rede, de acordo com a necessidade específica.

Deverá também ser acionada viatura de policiamento que auxiliará no isolamento e eventualidades ligadas à tentativa de suicídio.

4.7.1.6. Informações relevantes

Durante todo o tempo de atendimento, iniciando-se a partir do acionamento da viatura e deslocamento para o local, deverão ser transmitidas informações que permitam ao Comandante da operação concluir as características abaixo, que se

constituem condições importantes para subsidiar a intervenção e levar ao sucesso da ocorrência:

Possíveis causas da tentativa do suicídio, levando o Comandante da Operação a concluir quanto a perspectiva biológica, psicológica e sentido sociológico da vítima;

- Situação de saúde física e mental da vítima;
- Fatores sócios demográficos e ambientais associados ao caso concreto;
- Fatores que potencializam a consumação e eventualmente se encontram presentes no caso concreto; e
- Método suicida adotado com seus detalhamentos específicos.

As informações deverão ser obtidas pelo COBOM e pela guarnição no local, através de entrevista a familiares, vizinhos e amigos, durante todo o tempo do atendimento à crise, em especial durante a fase da abordagem psicológica.

4.7.2. Local elevado (Prédios e pontes)

Em muitas outras situações as vítimas de tentativa de suicídio costumam se colocar em fachadas de prédios elevados ou pontes e viadutos, de onde ameaçam saltar para obter êxito em seu intento.

Esta situação normalmente é atendida pelo Corpo de Bombeiros e os profissionais devem atentar para inúmeros quesitos de segurança para os bombeiros, para a vítima e para terceiros, além de atentar para a estratégia adequada de atendimento, visando sucesso na operação. Os cuidados necessários estão relacionados a:

4.7.2.1. Posição e distância do bombeiro em relação à vítima

Para efetuar o atendimento desta modalidade de crise deverá ser escolhido um bombeiro que preencha os requisitos necessários para a realização da abordagem psicológica e, este deverá posicionar-se em local próximo da vítima, quer seja na fachada ou abertura na parede, procurando uma posição estratégica, conforme abaixo segue:

- A uma distância que possa ser visto claramente pela vítima, o que facilitará a conquista da confiança daquela, durante a abordagem;
- A uma distância que permita conversar com a vítima sem que haja necessidade de gritar ou fazer que a vítima grite;

- A uma distância que não permita à vítima se agarrar ao bombeiro, colocando-o em situação de risco;
- A uma distância que permita ao bombeiro segurar a vítima em caso desta se atirar.

A figura 6 exemplifica um situação e mostra a distância que atendeu, naquele caso as exigências anteriormente especificadas.



Figura 6 - Posição do bombeiro durante a abordagem psicológica

4.7.2.2. Estacionamento de viaturas e isolamento do local

As viaturas que farão o atendimento à ocorrência de tentativa de suicídio, além da chegada silenciosa ao local, é importante que sejam estacionadas em local onde não permita a visualização pela vítima, o que poderá, em casos específicos, exercer um efeito incômodo para a mesma e, eventualmente, levar o resultado final da ocorrência a termos não desejados pela equipe de bombeiros. O mesmo tratamento deverá ser dispensado a viaturas de policiamento e pessoas que estejam assistindo o atendimento, sendo esta última situação resolvida por meio de um isolamento bem planejado.

Em caso de tentativa de suicídio em pontes e viadutos, o trânsito deverá ser interrompido.

As guarnições de USA e UR deverão permanecer o tempo todo no solo, para o caso da abordagem não obter êxito e, se a vítima saltar, o atendimento seja de imediato.

4.7.2.3. Riscos potencialmente presentes

Durante este atendimento, existem alguns riscos potenciais que devem ser considerados todo o tempo, com o objetivo de garantir proteção para os bombeiros, à vítima, demais pessoas presente ou próximo e viaturas e equipamentos empregados. Tais riscos se constituem de:

- Queda pessoal (bombeiro ou vítima) – durante o atendimento poderá ocorrer queda do bombeiro ou da vítima, no caso do primeiro, deverá estar o tempo todo ancorado em estrutura suficientemente resistente para reter possível queda do bombeiro, vítima ou ambos e, no caso da vítima, a queda poderá ser acidental ou proposital.
- Queda de equipamento de bombeiro – durante o manuseio dos equipamentos poderá ocorrer queda de materiais, pondo em risco as pessoas que estão no nível do solo, portanto, além das atitudes de segurança como posicionamento, isolamento com fitas e atenção, os bombeiros que permanecerem embaixo deverão utilizar equipamentos de proteção individual.

4.7.2.4. Equipamentos que o bombeiro deve portar na abordagem psicológica

Durante a abordagem psicológica, que será realizada por um dos bombeiros presentes na ocorrência, em especial aquele que preencher o requisitos necessários para um negociador, este deverá aproximar-se da vítima e iniciar os contatos e, para tanto, deverá portar os seguintes materiais e equipamentos de proteção individual:

- Capacete de salvamento em altura ou “galeto”;
- HT;
- Luvas;
- Fitas tubulares;
- Cadeira de alpinista; e
- Cordas, Peça oito e mosquetões;

Os equipamentos de salvamento em altura (cordas, cadeiras e outros materiais) destinar-se-ão a manter o bombeiro ancorado durante toda a abordagem psicológica e auxiliar na retirada da vítima para um local seguro, assim que esta abandonar a idéia de se suicidar.

A comunicação com o uso de HT entre o bombeiro responsável pela abordagem psicológica e os outros membros da guarnição deverá ser estabelecida

através de código estabelecido previamente, a fim de que não interfira negativamente no vínculo que está sendo estabelecido.

Os demais bombeiros que estiverem próximos, sem participar da abordagem, também deverão estar ancorados e prontos para ajudar em caso de contenção rápida.

No caso de vítima em sacada de prédio, sempre deverá ser montado um 2º esquema de segurança (abordagem tática através de rapel de impacto). Caso a vítima esteja na cobertura de prédio, pontes ou viadutos, o mesmo procedimento deverá ser adotado, para execução do salto de abordagem do suicida.

4.7.2.5. Órgãos a serem acionados

Deverá também ser acionada viatura de policiamento que auxiliará no isolamento e eventualidades ligadas à tentativa de suicídio.

4.7.2.6. Informações relevantes

Durante todo o tempo de atendimento, iniciando-se a partir do acionamento da viatura e deslocamento para o local, deverão ser transmitidas informações que permitam ao Comandante da operação concluir as características abaixo, que se constituem condições importantes para subsidiar a intervenção e levar ao sucesso da ocorrência:

- Possíveis causas da tentativa do suicídio, levando o Comandante da Operação a concluir quanto a perspectiva biológica, psicológica e sentido sociológico da vítima;
- Situação de saúde física e mental da vítima;
- Fatores sócios demográficos e ambientais associados ao caso concreto;
- Fatores que potencializam a consumação e eventualmente se encontram presentes no caso concreto; e
- Método suicida adotado com seus detalhamentos específicos.
- Caso a vítima esteja posicionada em sacada de prédio, é importante saber qual é o andar, para selecionar a melhor estratégia para montagem de equipamentos para uma eventual abordagem tática, de acordo com os Procedimentos Operacionais Padrão de salvamento em altura em casos de tentativa de suicídio.

4.8. Outros cenários de tentativa de suicídio

Diversos outros métodos de tentativa de suicídio podem ser utilizados, conforme exemplos apresentados a seguir, cada um determinando um cenário com especificidades importantes para ser estudado pelo Corpo de Bombeiros, a fim de estabelecer a melhor estratégia e melhor tática para prestar um atendimento com bons resultados:

- Uso de líquidos inflamáveis no corpo;
- Uso de arma de fogo;
- Explosão de ambiente com uso de vazamento de GLP e GN;
- Uso de arma branca;
- Pulo em rios;
- Enforcamento.

5

ATENTADO TERRORISTA

MGCESAT

5. ATENTADO TERRORISTA

5.1. O terrorismo e o seu contexto histórico

O termo ‘terrorismo’ passou a ser usado no mundo moderno depois que a Academia Francesa classificou de “período do terror” o regime político existente na França, entre setembro de 1793 e julho de 1794. Durante este período, mais de 300.000 suspeitos foram presos e 17.000 pessoas foram oficialmente executadas.

A concepção moderna do emprego do terrorismo como instrumento político coube ao alemão Karl Heinzen (1809-1880), autor de *Das Mord* (*O assassínio*), livro que sugere o uso de bombas, veneno e mísseis, bem como a aliança dos revolucionários com o submundo da delinquência e o uso de fanáticos decididos a sacrificar-se pela causa.

A filosofia política de destruição e violência inspirou inúmeros atos de terrorismo praticados por grupos anarquistas no final do século XIX e início do século XX. O mais importante e conhecido desses grupos, o *Narodnaya Volya*, foi responsável pelo assassinato do Czar Alexandre II.

Segue a “onda de terror”. Em 1878, o rei Guilherme I, da Alemanha, o rei Afonso XII, da Espanha, e o rei Humberto da Itália sofrem atentados à bomba, mas sobrevivem. Em 1879, o czar Alexandre II escapa de dois atentados. Em 1881, porém, em outro atentado, acaba falecendo. No mesmo ano, o presidente americano, Garfield, também é morto em um atentado à bomba. Em 1882, quem escapa de um atentado é a rainha Vitória da Inglaterra. Em 1894, o presidente da França, Sadi Carnot, é morto em mais um atentado. Em 1898, a imperatriz da Áustria é assassinada. Em 1901, o rei Guilherme II, da Alemanha, e o presidente americano McKinley sofrem atentados. Guilherme II sobrevive e o presidente americano acaba morrendo. Em 1908, o rei de Portugal Carlos I é assassinado, sorte igual à de Vítor Emanuel III da Itália, em 1912.

O terrorismo de esquerda ganhou força no início dos anos 70, principalmente na Europa. Diversos grupos foram considerados terroristas; entre os principais estão o ETA, na Espanha; o grupo Baader-Meinhof, na Alemanha; as Brigadas Vermelhas e a Primeira Linha, na Itália; o IRA, na Irlanda do Norte; o Exército Vermelho Japonês, o Hamas, o Al-Fatah e outros grupos terroristas do Oriente.

O terrorismo das décadas de 70 e 80, em geral, revelou um alto grau de continuidade e de eficiência organizativa. Eram profissionais. As suas principais ações foram seqüestros de políticos importantes, explosões, seqüestro de aviões e atentados suicidas. Os grupos terroristas dispunham de complexos sistemas técnicos, como armas e meios de comunicação.

5.2. Conceito de terrorismo.

É uma bomba que explode em um avião em pleno vôo, matando 234 pessoas, um atentado terrorista? Pode o assassinato de um Chefe de Estado que discursava em público ser considerado um ato de terrorismo? É o lançamento de gás tóxico no metrô de uma cidade populosa terrorismo? É uma bomba que explode em pleno mercado público de uma cidade, matando 15 pessoas, um ato terrorista? É a tortura de presos, comuns ou políticos, em uma delegacia de polícia, um ato terrorista? Uma invasão, com blindados, de um assentamento de palestinos por tropas israelenses? Caracteriza terrorismo a prisão arbitrária e violenta de um indivíduo acusado de roubo?

Os pesquisadores do terrorismo reconhecem a dificuldade em conceituar terrorismo. Essa dificuldade explica-se, em parte, pela negatividade intrínseca ao termo e por ser utilizado para caracterizar pejorativamente a violência praticada por indivíduos ou grupos. A indefinição sobre o real significado do termo terrorismo é tamanha que qualquer ato que empregue a violência, praticado por indivíduos ou grupos, pode ser considerado ato terrorista. Em geral, os atentados terroristas noticiados pelos órgãos de informação descrevem situações em que várias pessoas foram mortas, nas quais há um grande número de feridos e, quase sempre, que tenham sido provocadas por explosões de bombas. Todavia, há casos em que apenas um homicídio é considerado ato de terrorismo.

O rótulo de terrorista depende de quem pratica e de quem sofre a violência. Para a grande maioria dos israelenses, e principalmente para o Estado de Israel, todos os árabes são potencialmente terroristas. Para os povos árabes, que vive nos territórios ocupados, o Estado de Israel é terrorista. Todavia, a Doutrina convencionou denominar de terrorismo a violência tida como ilegítima, praticada por grupos contrários ao regime político vigente.

Dessa forma, o terrorismo pode ser entendido como a violência de grupos ou de indivíduos praticada contra alvos civis ou militares com o objetivo específico de lutar por uma determinada causa, gerando medo para determinada sociedade. Neste sentido então, são grupos terroristas: o IRA, que luta pela independência da Irlanda do Norte; o Hamas, que luta pela criação de um Estado palestino; o ETA, que luta pela independência do País Basco, etc.

Assim sendo podemos conceituar Terrorismo como o uso de violência, física ou psicológica, por indivíduos, ou grupos políticos, contra a ordem estabelecida. Entende-se, no entanto, que uma dada ordem pública também possa ser terrorista na medida em que faça uso dos mesmos meios, a violência, para atingir seus fins.

5.2.1. Elementos característicos do terrorismo

Em razão da dificuldade de encontrar uma definição coerente para terrorismo, muitos autores identificam os atos terroristas em seus elementos mais característicos, comuns a todo ato terrorista. A primeira é o fato de causar dano considerável a pessoas e a coisas; a segunda é a criação real ou potencial de terror ou intimidação generalizada, e por fim, a presença de uma finalidade político-social no ato.

Os grupos terroristas também apresentam algumas características fundamentais:

- A organização: o terrorismo, que não pode consistir em um ou mais atos isolados, é a estratégia escolhida por um grupo ideologicamente homogêneo.
- manipulação do povo: desenvolve sua luta clandestinamente entre o povo para convencê-lo a recorrer a ações demonstrativas que têm, em primeiro lugar, o papel de ‘vingar’ as vítimas do terror exercido pela autoridade e, em segundo lugar, de ‘aterrorizar’ esta última, mostrando como a capacidade de atingir o centro do poder é o resultado de uma organização sólida; e
- de uma ampla possibilidade de ação, através de um número cada vez maior de atentados.

5.3. Os principais grupos terroristas da atualidade

Atualmente, o governo norte-americano identifica, aproximadamente, 30 grupos espalhados pelo mundo como sendo organizações terroristas. Muitos deles existem

há mais de 30 anos e outros foram formados recentemente. Para ser enquadrado como terrorista, o grupo deve lançar mão da violência contra civis e estar em atuação, ou seja, praticando atentados. Isto porque existem alguns grupos que ainda são considerados terroristas, mas que estão livres de sanções. É o caso do IRA, que desde 1997 mantém um cessar-fogo com o governo Britânico.

No Oriente Médio, destacam-se os grupos: Organização ABU NIDAL, HIZBOLLAH (Partido de Deus), JIHAD ISLÂMICA DA PALESTINA, HAMAS (Movimento de Resistência Islâmica), Frente de Libertação da Palestina e o AL-FATAH. Todos lutam, basicamente, pela formação de um Estado palestino independente. Provocam atentados lançando mão basicamente de bombas, metralhadoras e os temidos homens-bomba - pessoas que sacrificam suas vidas, utilizando seus corpos para denotar grande quantidade de explosivos em locais públicos.

Na Europa, o principal grupo terrorista em plena atividade é o ETA (Pátria Basca e Liberdade). Atua basicamente na Espanha e na França e defende desde 1959 a criação de um Estado basco no norte da Espanha. Os seus principais alvos são militares, políticos e juízes espanhóis.

Na América Latina destacam-se, na Colômbia, as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e o ELN (Exército de Libertação Nacional); no Peru, o grupo Sendero Luminoso e o Movimento Revolucionário TUPAC AMARU.

Outros grupos espalhados pelo mundo e citados pelo Departamento de Defesa dos EUA são: Grupo ABU SAYYAF, Filipinas e Malásia; Exército Vermelho Japonês e Ensino da Verdade Suprema, Japão; o Movimento Islâmico do Uzbequistão, Uzbequistão e Tadjquistão, entre outros.

O mais temido, todavia, é o grupo terrorista de OSAMA BIN LADEN, a AL QAEDA, que significa *a base*. O grupo foi formado no final dos anos 80 com o objetivo inicial de reunir árabes para expulsar os soviéticos do Afeganistão. No ano de 1989, quando finalmente os soviéticos se haviam retirado do território afegão, Bin Laden teria iniciado a sua 'guerra santa' contra o mundo ocidental.

5.4. “Novas” formas de terrorismo

Normalmente o termo terrorismo está associado a grandes danos causados por material explosivo. Contudo, novas formas de terrorismo têm surgido, sendo que o

atentado utilizando-se de bombas passou a ser apenas uma das formas e nem sempre a mais catastrófica. Os parâmetros para identificar uma forma de terrorismo como sendo 'nova' são os meios utilizados para causar o dano, o alvo e o potencial destrutivo do atentado.

5.4.1. Terrorismo cibernético

O terrorista necessariamente atualiza as suas práticas, e os seus atentados passam a ser compatíveis com a evolução tecnológica da sociedade. Explodir um avião em pleno vôo torna-se difícil em razão da forte segurança dos aeroportos. Teoricamente, seria mais fácil invadir o sistema de computadores da torre de controle do aeroporto e provocar o choque de duas aeronaves. Os novos sistemas de controle de tráfego aéreo podem ser acessados e causar a colisão de dois ou mais aviões de passageiros. Não é necessário usarem-se bombas e os custos para a produção do atentado são menores.

O ciberterrorista pode acessar o sistema de controle de processamento de cereais industrializados e trocar as quantidades dos suplementos necessários à completa eficácia dos produtos, causando doenças aos consumidores do produto. As fórmulas de medicamentos que serão colocados à venda nas diversas farmácias podem ser alteradas nos computadores dos laboratórios, sem que ninguém perceba.

Os mais pessimistas afirmam que no futuro o ciberterrorismo impedirá a população de comer, beber, viajar ou até mesmo de viver. Afirmam ainda que será impossível capturar o ciberterrorista, uma vez que através da Internet as suas ações podem ser planejadas e executadas, por exemplo, no Iraque e os resultados ocorrerem nos Estados Unidos. É importante ressaltar que embora haja uma grande preocupação em torno do ciberterrorismo, este fenômeno ainda não se tornou realidade. Alguns atos criminosos já ocorrem na internet, mas sem as características próprias do terrorismo.

5.4.2. Terrorismo ecológico

Cresce cada vez mais a preocupação dos ecologistas com a destruição acelerada da natureza e a matança indiscriminada de animais. Em geral, as grandes empresas não adotam políticas de preservação do meio-ambiente, uma vez que

procuram aumentar os seus lucros sem consideração com a destruição absolutamente indiscriminada das fontes naturais de matéria-prima de que lançam mão.

Para impedir o que consideram ser abusos contra a natureza, alguns militantes norte-americanos e europeus, principalmente britânicos, decidiram adotar a violência como forma de protesto. Cansados e frustrados com as manifestações pacifistas ou de conscientização, entenderam que o melhor a fazer seria aterrorizar os destruidores da natureza. Partiram então para o terrorismo.

Em março de 2001, incêndios criminosos perto de Nova York e agressões físicas de funcionários de uma empresa do Reino Unido foram suficientes para que as autoridades e grandes corporações apodassem essas pessoas de ecoterroristas. A organização inglesa ELF (*Earth Liberation Front*), Frente de Libertação da Terra, reivindica a autoria de 38 ataques a propriedades no período de 1995 a 2001.

5.4.3. Terrorismo catastrófico

O terrorismo catastrófico pode destruir cidades e matar milhões de pessoas com uma bomba atômica, através do envenenamento do ar ou da água, por exemplo. As autoridades norte-americanas temem a utilização de armas nucleares por grupos terroristas, devido ao fato de que hoje em dia não é muito difícil obter uma bomba nuclear. A falência da URSS é apontada como causa principal dessa facilidade. Contudo os maiores produtores e quem possuem o maior arsenal de armas nucleares existente atualmente é o próprio Estados Unidos da América. A Rússia, a França, o Japão, o Reino Unido, o Paquistão, a Índia e Israel, entre outros, também possuem bombas atômicas.

5.5. Motivos do terrorismo

Diversos motivos inspiram os terroristas. Os estudantes do terrorismo os classificam em três categorias: racional, psicológico, e cultural. Um terrorista pode ser formado por combinações desta.

5.5.1. Motivação Racional

O terrorista racional pensa com suas metas e opções, fazendo uma análise das custas e benefícios. O intento é determinar se há maneiras menos custosas e mais

eficazes de alcançar seus objetivos que o terrorismo. Para avaliar o risco ele mede as capacidades defensivas do alvo contra suas próprias capacidades para atacar. Ele mede as capacidades de seu grupo para sustentar o esforço. A pergunta essencial é se o terrorismo trabalhará para o propósito desejado. A análise racional do terrorista é similar a de um comandante militar ou de um empresário de negócio que considera as linhas de conduta disponíveis.

A história recente oferece exemplos de diversos grupos que tiveram perspectivas aparentemente boas de sucesso e que pagou o preço da reação ao terrorismo. Nos anos 70, Os Tupamaros no Uruguai e o ERP (Exército Revolucionário do Povo) e Os Montoneros na Argentina causaram uma reação popular hostil ao terrorismo. Empurraram as sociedades além de seu ponto de tolerância e foram destruídos conseqüentemente. Igual é a verdade de diversos grupos que trabalham na Turquia no final dos anos 70 e, possivelmente, diversas famílias de Mafiosos na Itália nos anos 90.

5.5.2. Motivação Psicológica

A motivação psicológica para o terrorismo deriva do descontentamento pessoal do terrorista com sua vida e suas realizações. Ele encontra sua razão na ação dedicada do terrorismo. Embora não se encontre nenhuma psicopatia clara entre terroristas, há um elemento quase universal entre eles que podem ser descritos como “os verdadeiros terroristas”. Não consideram que seus atos podem ser incorretos, mas que por outra visão podem ter certo mérito. Os terroristas tendem a projetar suas próprias motivações anti-sociais entre outras, cria uma situação psicológica que pode ser expressa da seguinte maneira “nós contra eles”. Atribuem somente motivos perversos a qualquer pessoa exterior a seu próprio grupo. Isto permite aos terroristas desumanizar a suas vítimas e acabar com qualquer sentimento de ambigüidade em suas mentes.

A outra característica comum dos terroristas psicologicamente motivados é a necessidade de pertencer a um grupo. Com alguns terroristas, a aceitação do grupo é um motivador mais forte que os objetivos políticos indicados pela Organização. Tais indivíduos definem seu status social pela aceitação do grupo.

Os grupos de terroristas encontram motivações internas fortes enquanto for necessário para alinhar continuamente a existência do grupo. Devem cometer atos

violentos para manter a auto-estima do grupo e legitimidade. Assim os terroristas realizam às vezes ataques que não produzem ou ainda são ineficazes conforme seus objetivos anunciados.

5.5.3. Motivação Cultural

As culturas formam valores e motivam as pessoas às ações que se parecem irracionais aos observadores não nativos. Os americanos são relutantes em apreciar o efeito intenso da cultura no comportamento. Validamos o mito de que o comportamento racional dirige todas as ações humanas. Embora o comportamento irracional ocorra em nossa própria história, não tentamos explicá-lo por outros meios.

O tratamento da vida geral e individual em detalhe é uma característica cultural que tem um enorme impacto no terrorismo. Nas sociedades em que as pessoas se identificam com a qualidade de cada membro do grupo ([família](#), clã, tribo), pode haver um boa vontade para sacrificar-se. Ocasionalmente, os terroristas parecem ser impacientes para dar suas vidas por sua organização e causa.

Um motivo cultural importante do terrorismo é a antecipação de uma ameaça a sobrevivência étnica do grupo. O medo da exterminação cultural conduz a violência. Todos os seres humanos são sensíveis às ameaças aos valores pelos quais se identificam. Isto inclui a língua, a religião, a qualidade do membro do grupo e o território da pátria. A possibilidade de perder quaisquer destes valores pode fazer com que a pessoa acione sua defensiva.

A religião pode ser o mais volátil dos identificadores culturais, porque abrange valores profundos. Uma ameaça para sua religião põe, não somente o presente, em risco, mas também seu fim cultural e o futuro. Muitas religiões, incluindo o cristianismo e o Islam, têm utilizado a força para obter adeptos. O terrorismo em nome da religião pode ser especialmente violento.

6

ATENDIMENTO A CRISE DE ATENTADO TERRORISTA

MGCESAT

6. ATENDIMENTO A CRISE DE ATENTADO TERRORISTA

A intervenção eficaz frente a atentados terroristas supõe um caminho difícil de superar para os serviços de bombeiros. As características dos produtos utilizados assim como os lugares mais prováveis geram uma série de dificuldades distintas das que se pode apresentar em nossas atuações convencionais. Terrorismo é algo extremamente difícil de se controlar ou prevenir, especialmente se seus membros estão dispostos a correr risco de morte no processo.

Há que se destacar dois momentos nestes casos: antes e depois do atentado. A característica mais comum observada é que os atos terroristas são de inopino, como o atentado de 11 de março em Madri (2004) e 11 de setembro em Nova Iorque (2001), com conseqüências terríveis para a população. Nestes casos, o atendimento da ocorrência tem as mesmas características das grandes catástrofes em que houve a atuação do Corpo de Bombeiros, não há relevância o fato de que a origem da emergência foi um ato terrorista. A atuação, uma vez garantida a segurança para todos os envolvidos, se deve desenvolver conforme o descrito em Procedimento Operacional Padrão específico para atendimento de catástrofes, utilizando-se principalmente dos conceitos do Sistema de Comando em Operações e Emergências (SICOE).

Em outros casos, porém mais raros, em que há a iminência do atentado, sendo este conhecido, qual o local a ser afetado, que tipo de material está sendo utilizado (explosivos, químicos, biológicos, etc.), a atuação do Corpo de Bombeiros se torna mais restrita, pois se há artefato explosivo deve-se acionar o competente esquadrão antibombas e seguir seus protocolos, basicamente a atuação será no sentido de isolar a área que pode ser atingida direta e indiretamente e na evacuação dos locais de risco, de forma a evitar que as pessoas entrem em pânico generalizado, aumentando o número de vítimas, pois conforme descrito acima um dos objetivos dos atentados terroristas é impor à sociedade um sentimento de medo, de insegurança, conduzindo ao caos. Dessa forma, cabe ao Corpo de Bombeiros juntamente com os demais órgãos de defesa civil atuar de maneira eficiente para manter a sensação de segurança evitando que o fato de origem a uma catástrofe de proporções gigantescas.

6.1. Procedimentos operacionais em ocorrências com artefato explosivo

Os procedimentos que serão analisados abaixo fazem parte da IP-1-PM, que trata de forma análoga o assunto.

Em um primeiro momento abordaremos o que se entende por bomba – “Bombas são todos os dispositivos ou artefatos confeccionados para causar danos, lesões ou mortes, de forma voluntária ou não”.

De forma geral podemos classificar as bombas em dois tipos:

- **EOD - EXPLOSIVE ORDINANCE DISPOSAL** (Explosivos Industrializados e Comercializados). São todas as bombas confeccionadas regularmente, como foguetes, mísseis, granadas, petardos e acessórios de acionamento militares.
- **IED - IMPROVISED EXPLOSIVE DEVICE** (Artefatos Explosivos Improvisados). São todas as bombas caseiras ou improvisadas, com fins terroristas ou não.

Também cabe ressaltar os tipos de bombas

- **BOMBAS NÃO-EXPLOSIVAS** - Artefatos que contenham produtos tóxicos, ácidos e corrosivos, agentes químicos, bacteriológicos ou radioativos, baixos explosivos de projeção ou propulsão de metralhas.
- **BOMBAS EXPLOSIVAS** - Artefatos que contenham produtos explosivos e tenham como resultado de seu acionamento, explosão.
- **BOMBAS INCENDIÁRIAS** - Artefatos que contenham produtos inflamáveis e tenham como resultado de seu acionamento, fogo.
- **BOMBAS EXPLOSIVAS-INCENDIÁRIAS** - Combinação dos elementos anteriores.

6.1.1. Classificação de ocorrências com bombas

Ocorrências com bombas são todas as ocorrências policiais militares que envolvam bombas, explosivos ou a possibilidade de existência de uma bomba, como em ameaças e buscas preventivas. Dessa forma as ocorrências com bombas são classificadas da seguinte maneira:

6.1.1.1. Ameaça de bomba

É a comunicação direta ou indireta, informação ou suspeita fundada da existência de uma bomba em determinado local. Subdivide-se em:

- **AMEAÇA FALSA** - Quando as informações ou análise da suspeita são infundadas, não havendo elementos ou provas que confirmem a possível existência da bomba. São característicos de tais casos, telefonemas anônimos, cartas e ameaças pessoais de vingança.
- **AMEAÇA REAL** - Quando existem elementos materiais ou testemunhais que comprovem ou confirmem a possível existência da bomba. São característicos de tais casos, testemunhas que viram a bomba ou a montagem e instalação da mesma, pedaços de explosivos, acessórios ou mecanismos da possível bomba, informações sobre a sua exata localização.

6.1.1.2. Localização de bomba

É a identificação de um objeto suspeito de ser bomba ou explosivo, após uma busca preventiva ou mesmo de sua simples suspeição.

6.1.1.3. Explosão de bomba

É o resultado real gerado por uma bomba, englobando todos os efeitos, mesmo os de bombas não-explosivas. Não pode ser confundido com explosões naturais ou acidentais, como botijões de gás, caldeiras, etc.

6.2. Procedimentos operacionais em casos de ameaças de bombas

O acionamento do esquadrão anti-bombas segue alguns procedimentos, de forma que somente irão para o local da ocorrência se houver a constatação e confirmação da existência de algum objeto, com potencial de ser um explosivo real, assim os procedimentos iniciais a serem adotados em ocorrências de ameaça de bomba, deve observar o seguinte:

- Adotar medidas para não provocar tumulto, pânico ou evacuações precipitadas. A evacuação precipitada torna impossível a realização das ações antibomba, uma vez que só quem conhece perfeitamente o local é que possui condições de identificar qual objeto é suspeito. Por esse motivo, a presença das pessoas durante as buscas torna a ação mais eficiente e rápida. A busca preventiva em um local evacuado, por mais competente que seja o policial, é imperfeita e não garante a segurança de não existir a bomba, pois tudo pode ser uma bomba e o policial desconhece o ambiente a ser

varrido, ao contrário de uma busca feita pelos freqüentadores do local, que poderão dar garantia da existência ou não de objetos suspeitos. A evacuação premeditada, sem uma análise e lucidez, gera pânico e paralisação do local, atingindo com certeza os intuítos do ameaçador.

- Contatar com a pessoa ameaçada ou responsável do local ameaçado e com a pessoa que especificamente recebeu a ameaça.
- Entrevistá-los e proceder à análise a fim de classificar a ameaça como falsa ou real.

As questões a serem abordadas na entrevista irão variar em cada caso, entretanto, algumas perguntas básicas sobre a ameaça propriamente dita e sobre a pessoa / local ameaçada devem ser feitas obrigatoriamente:

- Quais foram as palavras exatas da ameaça.
- Como era a voz do ameaçador (sexo, idade presumida, timbre, disfarces, sotaques, comportamento, etc).
- Havia ruídos de fundo (telefone público, ruídos, risadas, etc).
- Houve tentativa de conversação com o ameaçador.
- Se a ameaça veio por carta ou informações, quem trouxe ou como chegou a ameaça.
- A pessoa / local ameaçado possui alguma importância estratégica, social, política, etc.
- A pessoa / local ameaçado já recebeu algum tipo de ameaça de morte, vingança, etc.
- Existe algum motivo recente na vida da pessoa / local ameaçado que poderia gerar uma vingança ou atentado.
- Existem testemunhas que viram a bomba ou sua colocação.
- Existem coisas que possam materializar ou comprovar a ameaça de bomba.
- Outras perguntas julgadas esclarecedoras ou de interesse investigativo.

Havendo a caracterização de uma ameaça falsa, iniciar imediatamente uma busca preventiva no local ou possível locais da instalação ou da existência da bomba.

- A busca deverá ser feita pela pessoa ameaçada ou funcionários, freqüentadores e moradores do local ameaçado, mediante orientação e acompanhamento dos policiais.

- Os policiais deverão orientá-los quanto às técnicas de busca e quanto a não tocar e não mexer em nada que não seja de seu conhecimento.

Não encontrando nenhum objeto suspeito, orientar que a pessoa / local ameaçado retorne a rotina normal. Orientar a pessoa ou responsável pelo local ameaçado sobre comparecimento no Distrito Policial da área, caso deseje registrar Boletim de Ocorrência a respeito.

Havendo a caracterização de uma ameaça verdadeira, realizar a evacuação total ou parcial do local.

- Iniciar em seguida a busca, com auxílio da pessoa ameaçada e funcionários, freqüentadores e moradores do local ameaçado, que acompanharão os policiais indicando os objetos conhecidos e os suspeitos.
- A evacuação total deverá ser feita quando se tiver a certeza da existência da bomba, porém não a tiver localizado e a avaliação de danos for elevada.
- A evacuação parcial deverá ser feita quando se tiver certeza do local exato onde a bomba se encontra e a avaliação de danos for controlada.

Em ambos os casos, ao ser identificado um objeto suspeito, o local deve ser imediatamente isolado e evacuado.

- O Policial ou quem identificar o objeto suspeito não deverá tocar, mexer ou remover o objeto.
- Acionar imediatamente o GATE, que realizará as ações contrabomba.

6.3. Procedimentos operacionais em casos de localização de bombas

Ao ser localizado um objeto suspeito de ser bomba, quer seja após uma ameaça, após uma busca preventiva, ou mesmo da simples suspeição devido a suas características, bem como na localização de explosivos, acessórios e material bélico explosivo, deve-se **imediatamente**:

- **NÃO** mexer, **NÃO** tocar e **NÃO** remover o objeto suspeito.
- Isolar o objeto suspeito.
- Evacuar o local e proximidades em que se encontra o objeto. Sempre que possível e o local permitir, manter a área de isolamento e evacuação em um raio de 100 (cem) metros, no mínimo.

- Acionar imediatamente o GATE, que realizará as ações contra bomba.

Antes da chegada do GATE, deverá colher o maior número de informações sobre o objeto suspeito. Todas as informações deverão ser transmitidas a Equipe do GATE presente no local. Entre as informações a serem colhidas, as principais questões são:

- Se o encontro foi resultante de uma ocorrência de ameaça, todas as informações colhidas no trabalho de entrevista e análise.
- Local exato em que se encontra.
- Características do objeto (tamanho, volume, aparência, cor, etc).
- Quem localizou o objeto suspeito.
- Desde de quando o objeto se encontra naquele local.
- Como chegou naquele local.
- O objeto já foi tocado ou movimentado por alguém. Se sim, por quem e quando.
- É certeza que o objeto não pertence a ninguém conhecido.
- O local em que se encontra já foi vítima de algum atentado ou ato de vingança.

Conforme a situação, poderão ser acionados para o local da ocorrência, outras viaturas do Corpo de Bombeiros, Trânsito, Companhia de Energia Elétrica, Companhia de Gás e outros meios julgados necessários para atendimento de emergência caso ocorra a explosão da bomba durante o trabalho de remoção e desativação.

6.4. Procedimentos operacionais em caso de explosões de bombas

Havendo a explosão de uma bomba, a guarnição do corpo de bombeiros deve imediatamente:

- Acionar o COPOM, passando todos os dados e se necessário solicitar apoio.
- Socorrer feridos.
- Isolar e evacuar o local da explosão.
- Auxiliar nos procedimentos de contenção de maiores danos, como combate ao fogo, corte de energia elétrica, gás, etc.

- Durante o isolamento do local, preservá-lo de modo a garantir o trabalho dos peritos, não permitindo e nem fazendo coleta de materiais, resíduos da bomba, de explosivos e outros de interesse probatório.
- Observar as condições de segurança do local, atentado para a possibilidade de novas explosões, não só de bombas, mas também de estruturas que possam haver pelo como tubulação de gás, postos de distribuição de combustível que possam estar em condições que oferecem perigo, entre outros.
- Havendo a explosão do artefato, as providências para o atendimento das guarnições de bombeiros deverão ser pautados de acordo com o MTB-03, que trata de Salvamento Terrestre, em especial ao seu Capítulo 12, que aborda técnicas de atendimento em catástrofes, envolvendo desabamentos, soterramentos, etc.

6.5. Técnicas de busca e localização de bombas

A busca preventiva de bombas, quer seja executada como medida de segurança preventiva ou como medida de reação imediata após uma ameaça ou informe da existência de uma bomba, é realizada através da varredura dos locais ameaçados em busca de objetos suspeitos de serem a possível bomba. A busca deve ser realizada por pessoal que conheça perfeitamente o ambiente, como moradores, freqüentadores ou usuários do local a ser vistoriado, mediante o acompanhamento e orientação de um Policial Militar habilitado para o trabalho de ações antibomba. A busca realizada unicamente pelo Policial Militar é incompleta e na maioria das vezes ineficiente, uma vez que ele desconhece o ambiente da busca.

6.5.1. Regras básicas de busca

- A busca deve ser realizada, sempre que possível, com duas pessoas, de forma a agilizar a busca e ser feita uma dupla inspeção no local.
- Durante a busca, nenhum objeto deve ser tocado ou manuseado, bem como nenhum armário, porta ou gaveta deve ser aberta, enquanto não se confirme o conhecimento ou certeza da não violação.
- As luzes devem permanecer como estiverem no início da busca, podendo ser apagadas ou acesas somente após a confirmação de segurança nas instalações elétricas e luminárias.

A varredura dos locais ameaçados pode ser feita através de várias formas ou técnicas, que irão variar conforme o local e o número de pessoas envolvidas na busca. Qualquer que seja a situação, deverá preocupar-se em realizar a busca de forma rápida, varrendo todos os pontos do local em forma seqüencial, de modo a não varrer duas vezes um mesmo ponto ou deixar de vistoriar um outro.

6.5.2. Seqüência da varredura

Para não se perder durante a busca, deve-se fazer uma divisão imaginária do ambiente do local a ser varrido, de forma a organizar e minimizar seu trabalho.

- DIVISÃO EM QUADRANTES - O local é dividido em duas, quatro, oito ou mais partes, que são numeradas em ordem seqüencial. A busca é realizada em todo um quadrante antes de passar para outro. Se houver duas ou mais pessoas, os quadrantes são divididos entre os envolvidos na busca. Esta técnica é mais indicada para salas, escritórios e outros ambientes de porte médio e grande, com muitos móveis ou divisória em seu interior.
- SEQÜÊNCIA ESPIRAL - Partindo-se do centro do local para as extremidades, a varredura é realizada completando círculos crescentes ou decrescentes até fechar todo ambiente. Esta técnica é indicada para salas e locais pequenos ou com poucos móveis. O espiral das extremidades para o centro, por sua vez, é mais indicado para ambientes amplos e com poucos móveis, como galpões, depósitos, etc.
- SEQÜÊNCIA EM ZIG-ZAG - A varredura é feita de um ponto até sua extremidade, retornando ao lado de origem com um avanço ou progressão. Esta técnica é indicada para ambiente com muitos móveis ou com móveis ordenados, como em auditórios e restaurantes.
- ZONAS LONGITUDINAIS - O ambiente deverá ser dividido em faixas, sendo as mesmas numeradas em ordem seqüencial e distribuídas às pessoas envolvidas na busca. Esta técnica é também indicada para auditórios, restaurantes, teatros, etc.
- ARCOS CAPAZES - O ambiente deverá ser dividido em tantos arcos imaginários, quantos forem necessários, de acordo com as dimensões do local e o número de pessoas disponíveis para a busca. Normalmente a busca deverá ser realizada da área mais crítica para a menos crítica. Esta técnica é

indicada para anfiteatro, teatros, cinemas, salões, etc, com forma de curva ou semi circular.

6.5.3. Módulos de varreduras

Na seqüência da varredura, deve-se passar quatro vezes em cada local, observando em cada passagem uma altura do ambiente. Esta técnica também visa a organização e o racionamento do trabalho, observando-se principalmente o trabalho ergométrico e físico do homem, para que não fique alternando seqüencialmente seu foco de atenção. Dessa forma, trabalhará inicialmente com o corpo sempre em uma posição, mudando-a na passagem seguinte.

- PRIMEIRO MÓDULO - Será vistoriado o ambiente do chão até a altura da cintura. São alvos desta varredura, o chão, tapetes, mesas, cadeiras, poltronas, objetos em cima de móveis, armários, ar-condicionado, aquecedores, etc. O primeiro módulo é sempre o mais demorado, pois a maioria dos objetos e móveis de uma sala estão nesta altura.
- SEGUNDO MÓDULO - Será vistoriado o ambiente da altura da cintura até a altura dos olhos. São alvos nesta fase, as paredes, janelas, quadros, luminárias, armários, estantes, etc.
- TERCEIRO MÓDULO - Será vistoriado da altura dos olhos até o teto. É a chamada varredura aérea, onde são alvos luminárias de teto, alto de estantes, cortinas, ar-condicionado, etc.
- QUARTO MÓDULO - É a vistoria de pontos mortos ou de difícil acesso, como forros, tetos falsos ou suspensos, pisos falsos, fiação, interior de eletrodomésticos, etc.

Depois de completada uma varredura, o local deve ser identificado e sinalizado. O sistema de cores é o mais simples e indicado, colocando-se fitas adesivas coloridas na altura da fechadura. Este sistema facilitará o trabalho das equipes de busca e das equipes do GATE, caso venha a ser constatada a existência de objetos suspeitos.

6.5.4. Simbolismo de cores padronizadas

- **COR VERDE** - Local vistoriado e seguro. Liberado.
- **COR AMARELA** - Local vistoriado precariamente, necessitando nova vistoria ou com objetos a serem identificados. Não liberado.
- **COR VERMELHA** - Local vistoriado e identificado objeto suspeito. Isolado, entrada permitida somente para equipes especializadas.

6.5.5. Identificação de objetos suspeitos

- Na maioria dos casos, o objeto suspeito de ser bomba não irá se parecer com uma bomba. Tudo pode ser uma bomba: pacotes, malas, bolsas, embrulhos, cartas, caixas, artesanatos e até mesmo armários, gavetas, portas, lâmpadas, telefones, etc.
- Diante desta situação, somente uma pessoa pode afirmar com certeza o que pode ser ou não uma bomba no ambiente a ser varrido: a pessoa ou pessoas que moram, trabalham ou freqüentam aquele local.
- Estas pessoas deverão acompanhar, quando elas mesmas não fizerem, a busca. São elas que irão indicar os objetos suspeitos.

Nesta situação, deverão ser questionadas e orientadas a observar:

- Pacotes, embrulhos, bolsas, malas, caixas, mobiliário, aparelhos eletrônicos, utensílios domésticos e outros objetos que não sejam seus, não pertençam àquele ambiente, não estavam ali no dia anterior ou são completamente desconhecidos ou de procedência duvidosa.
- Armários, mesas, móveis, portas e outros pontos que aparentam ter sido abertos por outra pessoa, manuseados ou alterados.
- Salas que aparentam ter sido freqüentada por uma pessoa não autorizada.
- Qualquer outro ponto que indique suspeição por parte da pessoa que conheça o ambiente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Segurança do bombeiro durante a abordagem psicológica.....	20
Figura 2 – Colchão armado no possível local de queda da vítima.....	20
Figura 3 - Exemplo de torre de transmissão de energia elétrica.....	29
Figura 4 – Posicionamento para abordagem psicológica.....	30
Figura 5 - Posicionamento de viatura e local para pessoas não envolvidas.....	32
Figura 6 - Posição do bombeiro durante a abordagem psicológica.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Graus de risco (FBI).....	7
Tabela 2: Fatores que potencializam a consumação do suicídio.....	15
Tabela 3: Distâncias mínimas de segurança.....	31

7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMARAL, Osvaldo Lopes do. *Transtornos Mentais*. Disponível em <http://www.inef.com.br/transtorno.htm>, acessado em 22 de novembro de 2005.

ANGERMI, V.A. *Suicídio: uma alternativa a Vida.Uma visão clínica Existencial*.Traço Ed. SP 1986.

Apostila de abordagem a vítimas de TEPT

CARVALHO, Lauro F. *Suicídio: Fruto do desconhecimento*. 1996. Disponível em <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/mundo-espirita/suicidio-fruto-do-desconhecimento.html>. Acessado em 08 de novembro de 2005.

CASSORLA, R.M. *O que é suicídio*. Ed. Abril Cultural/Brasiliense Col. Primeiros Passos SP – 1985

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. *Suicídio*. Disponível em <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/sergio-biagi/ensaio-suicidio.html>, acessado em 08 de novembro de 2005.

HENDIN, H J. Clin. Psychiatry, 1999; 60 (2): 46-50. Disponível em <http://gballone.sites.uol.com.br/acad/suicidio2.htm>, acessado em 22 de novembro de 2005.

<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=5670>, acessado em 07 de novembro de 2005

<http://www.emersis.org/emergencia.112/7.asp>, acessado em 28 de novembro de 2005.

<http://www.emersis.org/emergencia.112/9.asp>, acessado em 01 de dezembro de 2005.

<http://www.monografias.com>, acessado em 25 de novembro de 2005.

<http://www.saude.rj.gov.br/apav/suicidio.shtml>, acessado em 29 de novembro de 2005.

<http://www.soesq.org.br/transtment.htm>, acessado em 22 de novembro de 2005.

<http://www.state.gov/www/global/terrorism/1996Report/appb.html>, acessado em 30 de novembro de 2005.

<http://www.suicideinfor.org/portuguese/myths.html> e www.saude.rj.gov.br/apav/suicidio.shtml, acessado em 30 de novembro de 2005.

<http://www.wikipedia.org>, acessado em 30 de novembro de 2005.

Leite Filho, Jaime de Carvalho. *Anotações e Reflexões sobre o Terrorismo de Estado – Dissertação de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina – 2002.*

Manual para Motorista de Ambulância e Auxiliar de Enfermagem - Emergências Psiquiátricas SP – 1992

O Gabinete de Segurança Institucional o gerenciamento de crises, José Alberto Cunha Couto, República Federativa do Brasil

Prevenção do Suicídio: Um Manual para profissionais da saúde em atenção primária: Transtornos mentais e comportamentais, Departamento de Saúde Mental – OMS, Genegra, 2000.

Relatório Sobre a Saúde no Mundo, 2001 - Organização Panamericana da Saúde - Organização Mundial de Saúde - ONU - World Health Report - WHO - Genève - Swiss - who@who.int, disponível em www.psiqweb.med.br/acad/oms1.html, acessado em 22 de novembro de 2005.

SALVATIERRA, Cesar Cisneros. *Terrorismo Internacional* – Facultad de Derecho USMP - Lima - Perú

AUTORIA DESCONHECIDA. *Apostila da Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista - CTEEP*. Integração Técnica. TS – Gerência Regional São Paulo. TSP – Divisão Transmissão Oeste. Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo.